Pagaia Nº 3 • Ano I • Janeiro • Fevereiro 1997 • Bi-mestral • Preço 380$00 (IVA Incluído)

PAGAIA

Dossier
SACOS-CAMA

Passeio
PORTO SANTO

Fábrica
MAR KAYAKS

PUB.



ESTUÁRIO DO TEJO

FLAMINGOS

VENHA NAVEGAR CONNOSCO

Assine a Revista PAGAIA e aproveite a promoção Lifa/Helly Hansen



CUPÃO DE ASSINATURA — PAGAIA

NOME:

MORADA:

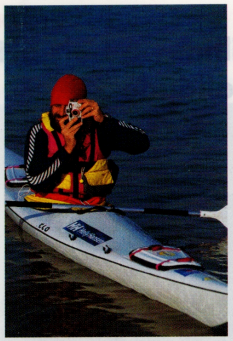
LOCALIDADE: C. POSTAL: TELEFONE:

PROFISSÃO: DATA NASC.: CONTRIBUINTE:

ASSINATURA (6 NÚMEROS) – 1.900$00 ☐ ASSINATURA (6 NÚMEROS) + LIFA – 3.900$00 ☐

CHEQUE N.º VALE CORREIO:

Endereçar a: Lobo do Mar, Lda. • Alameda do Alto da Barra, 24 R/C • 2780 OEIRAS



FOTOGRAFIA: LUÍS QUINTA

SUMÁRIO

10 REPORTAGEM
Um passeio no Larouco

16 DESTINOS
Ilha de Porto Santo

20 PASSEIO
O Tejo e os Flamingos

24 DOSSIER
Sacos-cama

28 TÉCNICA
O Arnês

30 REPORTAGEM
Fábrica Mar Kayaks/Nelo

EDITORIAL

1997, um ano de Canoagem

A Canoagem de Lazer / Turismo está a despertar no nosso país. Os clubes com vocação para a prática do turismo-náutico vão surgindo de norte a sul e nas ilhas. É grande a vontade de trabalhar e, por outro lado, o aparecimento de empresas vocacionadas para actividades de ar-livre que estão a incluir a Canoagem de lazer nos seus pacotes.
Estas iniciativas são de louvar e de acarinhar mas, em simultâneo, há que nos preocupar-mos com a segurança destas actividades, para que uma prática lúdica não se transforme num pesadelo para organizadores e praticantes. Infelizmente, temos uma Federação que não se preocupa com a Canoagem de Lazer (e na competição não está melhor...), se tal acontecesse, o canoista poderia ter acesso ao seguro desportivo, a uma melhor regulamentação e fiscalização das entidades promotoras de eventos e, a cursos de formação para desenvolver todo o seu potencial técnico e de segurança. No momento em que escrevo estas palavras, o actual presidente da F.P.C. já deverá ter apresentado as contas de vários anos e tudo leva a crer que uma nova direcção esteja a ser formada. Tenho esperança que o futuro presidente da Federação tenha horizontes mais amplos e descubra as potencialidades do turismo-náutico, contribuindo assim, para o engrandecimento da modalidade e da própria Federação.
Como nota final, já está a ser preparada a nova expedição aos mares da China pelo Tuareg Kayak Clube.
Um Bom Ano para todos.

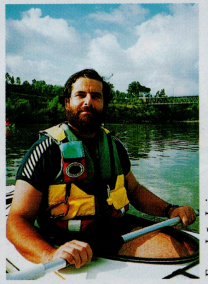


Foto: João Laia

PAGAIA

Propriedade
LOBO DO MAR Sociedade Editorial, Lda.
Empresa Jornalística Nº 220348
Contribuinte Nº 503 341 134 • Capital Social: 402.000$00
Gerência: Pedro Escaja Gonçalves
Vasco de Melo Gonçalves
Luís Filipe Quinta
Sede: Alameda do Alto da Barra, 24 - R/C • 2780 OEIRAS
Tel. (01) 441 41 12 • Fax. (01) 443 45 69

Director: Vasco de Melo Gonçalves

Director Comercial: Pedro Escaja Gonçalves

Colaboradores: Carlos Abreu, Luís Santos/Desnível, Valente Almeida, Tuareg Kayak Clube, Luís Quinta

Revisão de Textos: Luísa Mendes

Departamento Gráfico: Lobo do Mar, Lda.
Miguel Pereira Gonçalves

Administração, Redacção, Serviços Comerciais e Departamento Gráfico:
Alameda do Alto da Barra, 24 - R/C
2780 OEIRAS
Tel. (01) 441 41 12
Fax. (01) 443 45 69
E-mail: lobo.do.mar@mail.telepac.pt

Tiragem: 6 000 Exemplares
Periodicidade: Bimestral

Selecção de cor, Fotolito, Montagem e Impressão:
Sogapal, Lda.
Tel. (01) 417 13 30/1/2/3/5 • Fax. (01) 417 13 34

Distribuição:
VASP, Lda.
Tel. (01) 439 85 20 • Fax. (01) 439 85 52

Direitos reservados de reprodução fotográfica ou escrita para todos os países.

Depósito Legal Nº 102456/96
Registado na Secretaria-Geral do Ministério da Justiça sob o Nº 120111

CAPITÃO DUREZA

Natureza e Aventura na Figueira da Foz

Viver a natureza de uma forma diferente, fugir à rotina, aliviar o stress e deixar subir a adrenalina praticando desportos de acção, são os objectivos da empresa Capitão Dureza, sediada na Figueira da Foz.
São múltiplas as ofertas na área da canoagem que passam pelas descidas de alguns troços dos rios Vouga, Mondego e Zêzere bem como a canoagem de mar em Porto Côvo. Os passeios pedestres, na serra da Lousã, de BTT e a prática de mergulho na costa alentejana e Peniche, completam a oferta desta empresa.
Para mais informações deverá contactar através dos telefones: 033-27772 e 0931-702903.

AUTONOMIA

À descoberta do Zézere

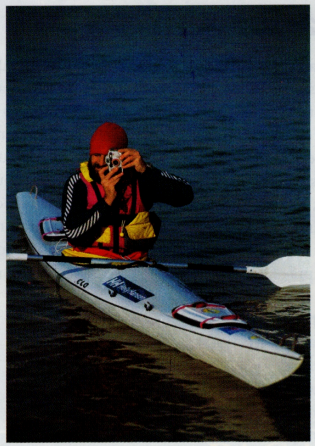


A revista "Pagaia" está a preparar um passeio em autonomia e ao longo de cinco dias no troço do rio Zêzere entre Cambas e Constância. Os levantamentos e recolhas de informação já se iniciaram e contamos dar mais informações pormenorizadas (datas, inscrições, etapas, etc.) na nossa edição de Março. Mas prepare-se, pois em Maio vamos pagaiar cerca de 150 quilómetros...

CLUBE

Revista Pagaia

Estamos a iniciar o estudo para a criação do Clube Pagaia que servirá de apoio aos nossos leitores e assinantes. Esta nossa iniciativa tem por finalidade criar um sem número de benefícios para todos aqueles que nos acompanham nesta "maratona" da Canoagem nacional e, nesse sentido já estabelecemos alguns contactos com diversos agentes económicos para, em conjunto, estudarmos formas de cooperação que beneficiem os nossos leitores. Apesar de ainda não estarem definidas todas as áreas de actuação deste Clube, podemos lançar um "aviso à navegação" que a empresa Ventisca (loja de produtos dedicados às actividades de ar livre) está a praticar descontos aos assinantes da revista Pagaia.
Em breve, daremos mais notícias.



LIZARD

Sapatilhas de Qualidade



Esta é marca das excelentes sapatilhas, em borracha, destinadas à prática da Canoagem. Bem concebidas e resistentes são vendidas ao público a um preço aliciante (3 900$00) tendo em conta a qualidade do produto.
O importador da Lizard é a empresa Teracom (tel. 01-4670999).

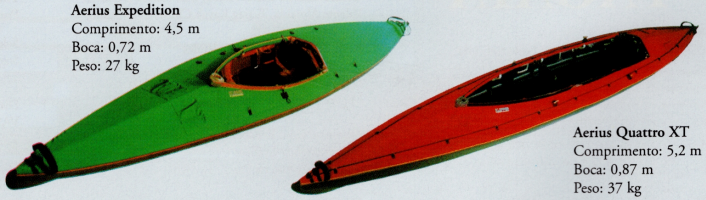
EXPO'98

Rally à volta do Mundo

Quatro veleiros portugueses irão juntar-se a outros trinta barcos oriundos de doze países a fim de participarem no Rally Volta ao Mundo EXPO'98, com início em Lisboa, no dia 4 de Janeiro de 1997 e com chegada prevista, novamente a Lisboa, em Maio de 1998. Existirá uma largada alternativa para vinte e cinco barcos dos E.U.A. e do Canadá, os quais partirão de Forte Lauderdale, Florida, a 6 de Fevereiro de 1997. As duas frotas reunir-se-ão no Panamá para uma entrada em conjunto no Oceano Pacífico e velejarão até S. Salvador, no Brasil.
A bordo do "BES Portugal", um Amel Super Maramu capitaniado por José Inácio da Costa Lopes, seguirá uma equipa da Rádiotelevisão Portuguesa, a qual irá produzir reportagens regulares e apresentar uma série de dezoito documentários. A Associação Naval de Lisboa será a anfitriã da largada e chegada do Rally Volta ao Mundo EXPO'98.

KLEPPER

Aerius Expedition
Comprimento: 4,5 m
Boca: 0,72 m
Peso: 27 kg

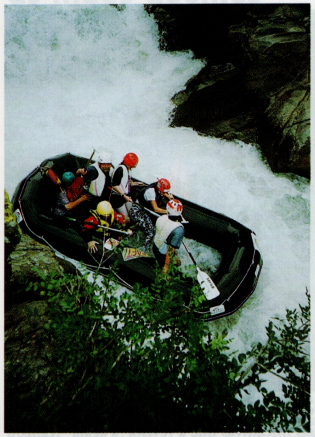


Aerius Quattro XT
Comprimento: 5,2 m
Boca: 0,87 m
Peso: 37 kg

TERACOM
Comércio de Importação e Exportação, Lda.
Rua de Espinho, 3A • Monte Estoril • 2765 ESTORIL
Tel.: (01) 467 09 99 • Fax: (01) 466 06 19

RAFTING

No rio Paiva



A empresa Raft 'A' Ka está a promover descidas de raft todos os fins-de-semana. Os apreciadores de sensações fortes, têm dois percursos com níveis de dificuldade diferentes, um para os iniciados outro para os mais ousados. Ambos com a duração de 4 a 5 horas e já com o almoço pelo meio.
A Organização fornece todo o material necessário: fato neoprene, impermeável, capacete, colete, pagaia, seguro e o preço da descida é de 10 000$00.
Para obter mais informações deverá contactar a empresa pelo telefone número: 01-7165632.

KAYAKS DE MAR

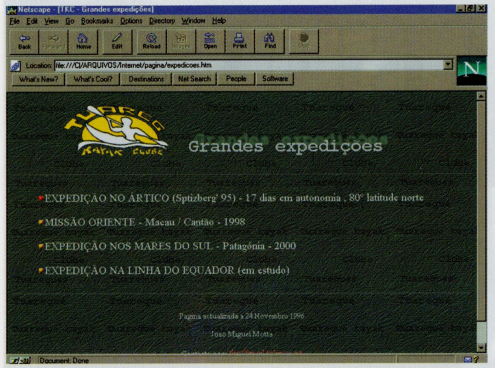
I Circuito Nacional



Em 1996 e durante dez etapas, decorreu o I Circuito Nacional de Kayaks de Mar uma organização da Sítios que contou com o apoio da Federação Portuguesa de Canoagem.
As classificações ficaram desta forma ordenadas: K2 sénior masculino / 1º Américo Magalhães - Albino Vilas Boas; K1 sénior masculino / 1º Bartolo Azevedo; K2 sénior misto / 1º Carlos Filipe - Carla Simões; K2 sénior feminino / 1º Maria João Azevedo - Cristina Henriques; K1 veterano masculino / 1º Torcato Santos.

INTERNET

TUAREG KAYAK CLUBE



O T. K. C. já dispõe de uma página Web. Um site onde poderá encontrar o calendário de actividades do Clube, as grandes expedições (realizadas e a realizar), uma galeria fotográfica, rafting e links a outros sites de canoagem.
Esta página está em permanente actualização com informações actualizadas das actividades em curso, imagens actuais dos últimos eventos e a possibilidade de entrar em contacto com o Clube de uma forma mais rápida e actual.
http://www.geocities.com/colosseum/8468/tuareg.htm
tkc@mail.telepac.pt
(Também poderá encontrar-nos através do SAPO)

O NAVEGADOR DOS 7 MARES

O poder da navegação exacta e segura está no GPS 45.

GARMIN®
"Leader" mundial em GPS

Um compacto instrumento de navegação simples de operar, mas de altas "performances". Navegação aérea, terrestre e marítima.

GPS 45



Representante exclusivo para Portugal
Sicom
Sistemas de Comunicações, Lda.
Av. 24 de Julho, 132 • 1350 LISBOA • Tel.: (01) 395 64 30 • Fax: (01) 395 65 69

VENTISCA

Uma nova loja

Aventura - Sobrevivência - Outdoor são os propósitos da empresa Ventisca, de origem espanhola, especializada em produtos destinados a uma utilização ao ar livre. Roupa, mochilas, sacos-cama, lanternas, facas e navalhas, bússolas e botas de montanha, são alguns dos artigos que poderá encontrar na loja de Sintra a preços muito acessíveis. Para mais informações ou pedidos de catálogo poderá contactar através do telefone / fax.: 01-9242992.

NOMADAS

Escalada, Canoagem e Sobrevivência

Assistimos ao aparecimento de diversas empresas interessadas na comercialização de produtos ligados à prática de actividades de ar livre. A oferta multi-actividades é uma característica comum a muitas destas empresas e o caso da Nomadas, não foge à regra.
A escalada, canoagem e sobrevivência nas regiões do Gerês (zona de Montalegre), Arrábida e Cabo da Roca são as ofertas iniciais. Em breve daremos mais informações sobre os Nomadas e suas andanças.

ÁGUAS BRAVAS

Encontro de Canoagem de Águas Bravas e Rodeo

Realiza-se nos dias 15 e 16 de Março o primeiro Encontro de Canoagem de Águas Bravas e Rodeo, uma organização conjunta do Grupo de Águas Bravas de Almada e do Grupo Desportivo da Folgosa. Este encontro decorrerá junto da praia fluvial de Castro D'Aire. Para obter mais informações, os interessados poderão contactar a organização através do seguinte telefone: 01-275 0916 (depois das 20 horas).

ACTIVIDADES

Esquimotagem e Passeio



Decorreram com grande adesão e animação as duas iniciativas que a revista "Pagaia" realizou no passado mês de Outubro, em colaboração com a empresa Helly Hansen Portugal.
Os nossos leitores responderam positivamente às nossas propostas de passeio e de uma acção de formação (esquimotagem), o que nos leva a pensar realizar outras actividades num futuro breve.



FRIO

Manter as mãos quentes



A Hand Warner é um sistema instantâneo para manter as mãos quentes após a prática desportiva ou quando assistimos a qualquer espectáculo. A vantagem de este sistema, em relação a outros comercializados em Portugal, é a de poder ser reutilizado.
Para iniciar a reação química que provocará o calor, basta premir um pequeno disco, existente dentro da bolsa plástica, durante alguns segundos e o líquido vai-se transformando progressivamente numa massa sólida. Depois de utilizada e de ter perdido as suas qualidades térmicas, podemos voltar à situação inicial colocando a bolsa em água a ferver durante, aproximadamente, 10 minutos.
A Hand Warner é comercializada a 1 320$00 pela empresa Teracom (tel. 01-467 0999).

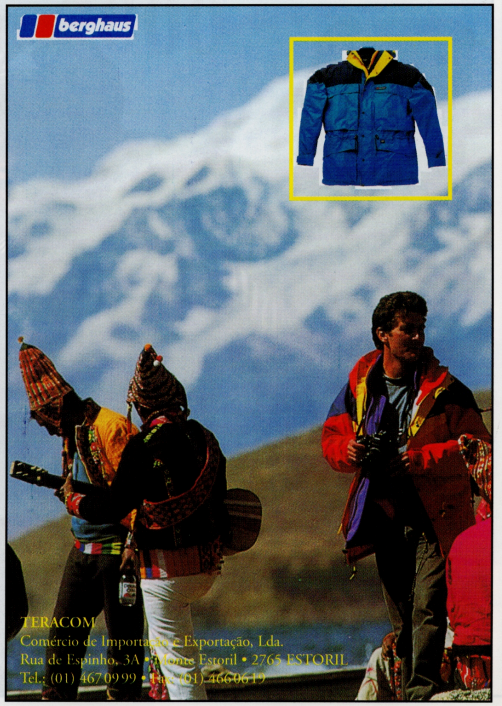
EXPO'98

Quatro produções audiovisuais

A EXPO'98 vai patrocionar quatro produções audiovisuais cujas temáticas estão directa ou indirectamente relacionadas com os oceanos a longa metragem "Porto Santo" de Vicente Jorge Silva, o documentário "Os Rios de Portugal", de João Matos Silva, e as duas séries para televisão "A Última Saga", de Francisco Manso e "Vasco da Gama em busca das Índias", de Luc Cuyvers.
"Porto Santo" é a primeira longa-metragem realizada por Vicente Jorge Silva que é, com Torcato Sepúlveda, autor do projecto.
"Rios de Portugal" - incluindo naturalmente os que são também espanhois - são o tema do documentário de João Matos Silva. Trata-se de um trabalho de 50 minutos produzido pela Fábrica de Imagens com financiamento da RTP. Nesta obra, os rios são observados como elemento estruturante das comunidades, nas dimensões histórica, cultural, económica, social,ecológica e ambiental.
"A Última Saga", de autoria de Francisco Manso, é uma série de três episódios onde se relata a pesca do bacalhau e, é uma co-produção de Portugal, Espanha e França. Além da EXPO'98, a RTP e a Comissão dos Descobrimentos vão também participar no projecto. O autor aborda o tema da pesca do bacalhau como uma das grandes e últimas aventuras marítimas mundiais.
"Vasco da Gama" é uma série que o belga Luc Cuyvers, da produtora norte-americana Mare Nostrum, está também já a filmar tem como fio condutor a viagem de Vasco da Gama. O título em português é "Vasco da Gama em busca das Índias" e é uma co-produção mundial.
Já foram feitas filmagens em Portugal e neste momento a equipa, em que se integram muitos técnicos da RTP, está a filmar no Extremo Oriente. A expansão marítima portuguesa é aqui abordada segundo relatos feitos na época poe Zurara, João de Barros, Álvaro Velho e Fernão Mendes Pinto. Mas é sempre acompanhada pelos comentários actuais quer de historiadores e outros especialistas portugueses, quer de individualidades dos países hoje existentes nos territórios que os navegadores portugueses descobriram

LISBOA EXPO'98







AÇORES

Volta à Ilha de Santa Maria

O recém criado Clube Infante D. Henrique e o Clube A.N.A. estão a preparar a Volta à Ilha de Santa Maria, em kayak, que decorrerá no próximo mês de Agosto. Esta iniciativa está integrada nas festas da ilha e tem como objectivo a promoção do Turismo. A prova terá o início a 20 de Agosto e desenrolar-se-á durante quatro dias e ao longo de quatro etapas. A revista Pagaia é uma das entidades apoiantes deste evento e, no próximo número, daremos mais pormenores sobre este acontecimento. Mas, para os potenciais interessados, aqui fica as coordenadas do Clube Infante D.Henrique: Av. Marquês de Pombal, Lote 4 - 8º Esq. - 2410 Leiria (Tel./Fax. 044 - 31961.

TRACKER

Canoas de qualidade



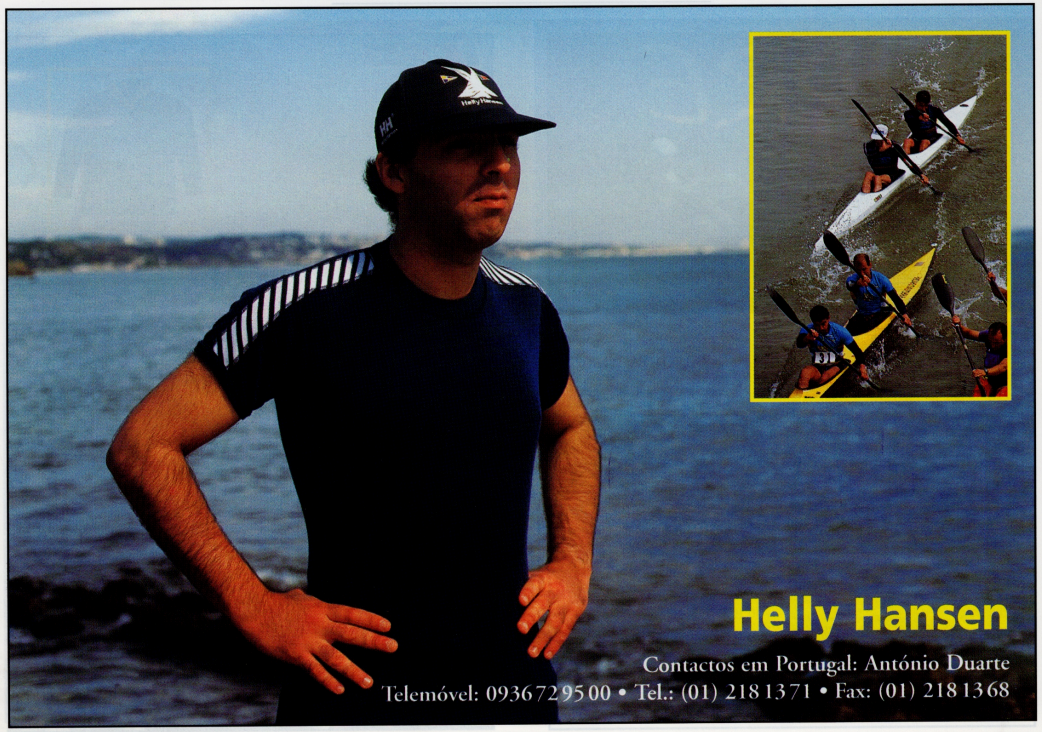
O fabricante norte americano Tracker está representado, em Portugal, pela empresa Nautiser. Os interessados poderão encontrar três modelos (Sport, River King e Standard) de canoas com comprimentos que variam entre os 3,90m e os 5,10m e construídas respectivamente em polietileno, royalex e alumínio.
Para obter mais informações deverá contactar a empresa pelo telefone número: 01-4261224.



MOTOS

Laverda em Portugal

A marca mítica italiana Laverda está a ser comercializada em Portugal pela Meclis. A sua apresentação realizou-se durante o certame Moto Expo que decorreu em Lisboa no passado mês de Dezembro. Quatro modelos faziam a "montra" da qual destacamos a 650 Ghost pelas suas linhas agressivas.



ESCOLA

Clube Aventura-te

Na Escola Básica 2, 3 nº 1 de Loures passa-se algo de estranho. Uma professora de Educação Física, sózinha e sem outros meios a não ser a sua força de vontade e o querer que as coisas aconteçam, fundou um clube para os alunos. Esta é uma história que apesar de muito recente promete ser de sucesso.
A professora Cristina Senra, lançou a ideia, criou os estatutos, fez os cartazes, falou com as pessoas que poderiam apoiar tecnicamente e no final a adesão foi enorme mas, apenas por parte dos alunos. As reuniões sucederam-se, apareceram os primeiros sócios, traçou-se os planos e a primeira actividade aconteceu. Mesmo contra a habitual renitência de alguns pais, vinte e seis alunos compareceram no dia 23 de Novembro, junto à escola prontos para a grande aventura: um curso de Canoagem.
O dia estava cinzento e a chuva não parava de cair mas, não amedrontou os vinte e seis aventureiros.
O transporte dos alunos até Almada, local escolhido para se desenrolar a acção de formação, por pouco não se tornou, também ele, uma aventura. Isto, por não existir um meio de transporte próprio valendo, na ocasião, a boa vontade de um pai, o Clube Náutico de Almada ter emprestado a sua carrinha e, por fim, o espírito de "desenrascanso" da professora.
A responsabilidade de ministrar o curso foi do Clube Náutico de Almada e quando as embarcações começaram a entrar na água, sentiu-se uma excitação especial, no Estuário do Tejo, provocada por aqueles rapazes e raparigas que pela primeira vez tomavam contacto com um caiaque. Foi muito interessante observar alunos que normalmente dão grandes problemas aos professores, portarem-se lindamente e desenvolverem um trabalho de equipa muito interessante e, por outro lado, jovens superarem as suas "supostas" limitações.
À tona de água, as exclamações e alcunhas cruzavam-se a um ritmo endiabrado. Palavras como o "Gordo", o "Francês" eram como códigos e uma forma de comunicação para expressarem a suas alegrias.
No dia seguinte, houve algumas "baixas" mas os que ficaram estavam dispostos remar, não fossem os caiaques estarem mal ensinados e não querem colaborar, ao afastarem-se da direcção pretendida. No final, a satisfação era geral e as conversas que se apanhavam, no ar, já versavam novas aventuras.
Esta jornada é uma prova de que com disciplina, carinho, muita dedicação e um acreditar nas potencialidades dos jovens se pode criar e realizar coisas muito interessantes. Portanto, parabéns à professora Cristina Senra quer pela sua iniciativa bem como pela sua capacidade de remar contra ventos e marés e, aos alunos que estiveram à altura das expectativas neles depositadas.
Para finalizar e agora aqui entre nós, tu que estás a ler e és professor. Há algum clube de alunos na tua escola?. Se há, do que estás à espera para dar o teu apoio?. Se não há, estás à espera de quê para o criar?.
Pensavas que só podias ensinar Matemática ou Física?. Não, mas não mesmo, podes ensinar também, matéria de Vida que é algo que os jovens precisam urgentemente.
Ouve lá e tu aí que és aluno, não estás a pensar que os professores têm de fazer tudo?. Claro que não. Mexam-se, associem-se, tenham ideias, arrastem convosco os professores e, mostrem-lhes do que são capazes. Criem o vosso próprio clube.
Ficamos à espera de novas "aventuras" do Clube Aventura-te e de outros. Até breve.

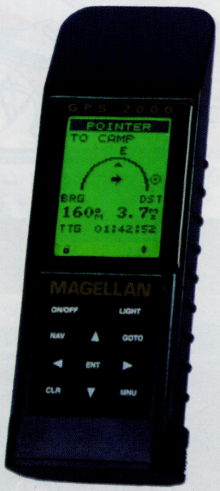
Octávio Almeida

GPS Magellan 2000

FRUTO DE UMA AVANÇADA TECNOLOGIA
O GPS 2000 REVOLUCIONA A NAVEGAÇÃO

- 17 horas de autonomia com 4 pilhas AA
- Antena interior de alta sensibilidade
- Ecrân à prova de riscos
- Iluminação para utilização nocturna
- 4 ecrâns gráficos de navegação
- Menus de rotas e pontos em memória











REPRESENTANTE EXCLUSIVO
NAUCOM
Telecomunicações, Lda.
Edifício Liscont, 1º • Cais de Alcântara • 1350 LISBOA • ☎ (01) 397 00 85 • Fax (01) 397 37 32

MAGELLAN
WE BRING GPS DOWN TO EARTH

Larouco



A região norte, por natureza, possui uma enorme oferta no que respeita a planos de água e rios de diferentes características, tornando-se por isso uma zona de eleição para qualquer canoista.

No dia 15 de Outubro passado, cerca de 30 canoistas do Tuareg Kayak Clube, fizeram-se à estrada, rumo à Serra do Larouco, para mais uma das actividades previstas no calendário deste clube. O objectivo eram as águas da Barragem do Alto do Rabagão, a escassos quilómetros da simpática vila de Montalegre. O acolhimento e apoio prestados por esta autarquia tiveram nota mais. Num prévio contacto, ficou bem clara a disponibilidade, boa vontade e abertura ao desenvolvimento turístico da região e consequente bom acolhimento a forasteiros com projectos ou actividades. Assim, e por cedência das recém recuperadas casas de Penedones, a poucos metros das águas da barragem, onde o conforto, o rústico e a paisagem envolvente combinam na perfeição, foi proporcionado a todos os presentes uma excelente estadia. Esta acção propunha-se ser de multiactividades, já que os campos e serranias circundantes constituíam uma tentação aos passeios, tão do agrado de todos e, onde os ares a respirar são, sem sombra de dúvida, os melhores. No sábado, pela manhã o grupo fez-se à água, beneficiando de um óptimo dia. O percurso marcado pela beleza da paisagem local, com cerca de 11 kms para navegar, até ao paredão da barragem e retorno a S.Vicente. Algumas ilhotas salpicam o vasto plano de água daquela albufeira, permitindo circundá-las e algumas breves paragens. Em S.Vicente, preparámo-nos para o "trekking" sem que antes se compusesse o estômago. Os 7 kms que nos separavam de Montalegre foram vencidos com alguma fadiga. O calor que entretanto se fazia sentir terá contribuído para algum desgaste nos presentes. Na ascensão à Senhora das Treburas (1162 metros), todos puderam desfrutar de uma magnífica paisagem sobre a albufeira da barragem. Um maravilhoso cenário feito de sossego e beleza. O parapente e passeios a cavalo são o indício do interesse de alguns amantes do desporto ao ar livre, que já vão descobrindo, tal como nós, os recônditos e aprazíveis (plenos de potencialidades) espaços deste nosso pequeno Portugal. Chegados a Montalegre com braços e pernas trabalhados, restava-nos puxar pela adrenalina. Para isso, montaram-se duas cordas na torre principal do castelo da vila, afim de proporcionar aos interessados um "rappel" de 30 metros. Entre os "habitués" e os estreantes lá se cumpriu mais esta tarefa que só viria a terminar com o cair do dia. O jantar, indispensável e merecido, com a presença do Vereador da Cultura daquela autarquia e do Presidente da Junta de Freguesia de Ferral, a quem agradecemos o apoio dado, no resgate das viaturas, terá sido um momento alto de convívio e entendimento. Chegados às casas de Penedones e antes do exigível repouso, houve ainda tempo e disposição para umas "cantilenas e guitarradas".



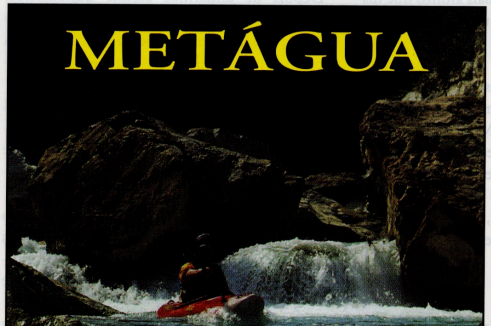
Navegando na barragem do Alto do Rabagão. Ao lado, podemos ver a ponte romana da Misarela e o trekking dos canoístas a caminho da Senhora das Treburas.

No domingo, um passeio de índole turística, levou-nos a dois dos locais mais importantes da região e dignos de uma visita. Pitões das Junias foi um desses locais, concretamente o seu Convento e a cascata. A jeito de despedida, todos passámos na ponte de Mizarela a dois passos de Ferral e no início da albufeira de Salamonde.

Pontua-se este fim-de-semana com nota máxima, pelo programa, pelo local e pelo tempo que S.Pedro nos concedeu.

Texto e Fotografia: Costa Motta

METÁGUA



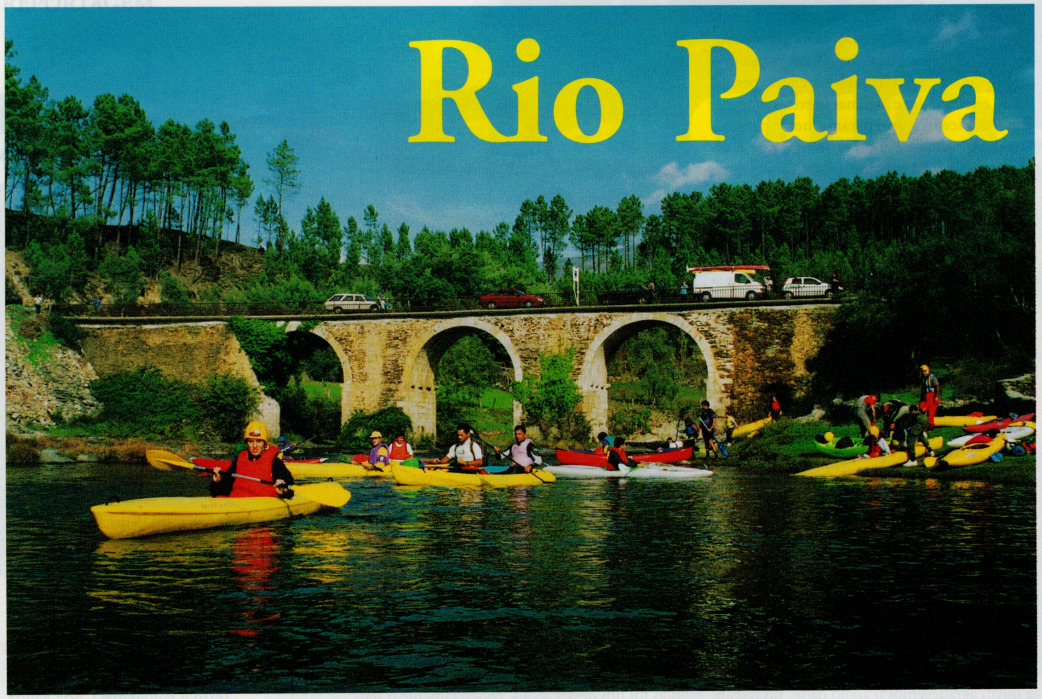
A Loja dos Canoístas
todo o equipamento para canoagem
KAYAKS • CANOAS • PAGAIAS • SAIOTES
ACESSÓRIOS • VESTUÁRIO
Descida de Rios e Aluguer de Kayaks
Escritório: Praceta Florbela Espanca, 1 - 6ºD
2795 CARNAXIDE
Tel.: (01) 418 50 34 • Fax: (01) 417 29 13
Loja: C.E.T. - Rua Xabregas, 2 • Piso 1 - Loja 19
1900 LISBOA • Tel.: (01) 868 49 10
e-mail: metagua@mail.telepac.pt
Setúbal: Loja Bivaque • Tel.: (065) 741480

ZARCO
BARCOESTE - PORTUGAL



FABRICANTE DE BARCOS DE RAFTING
Barcoeste, Lda.
Almargem • 2590 SOBRAL DE MONTE AGRAÇO
Tel.: (061) 941 385 / 580 • Fax: (061) 941 555

Rio Paiva

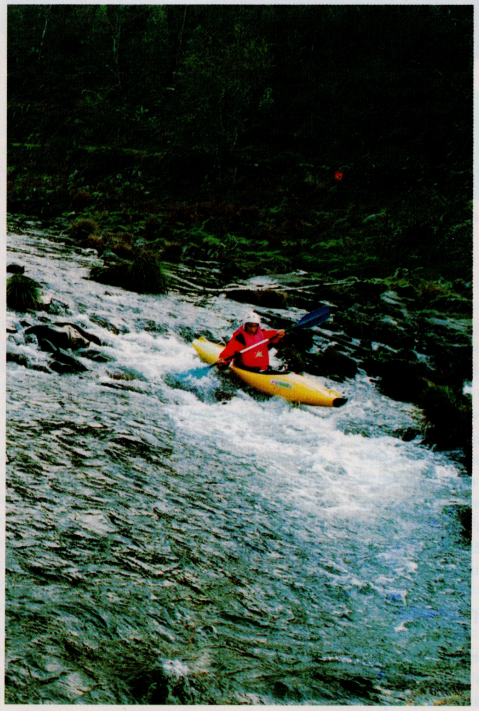


O Inverno está aí e com ele a chuva, o frio, a lama e todos aqueles problemas inerentes à estação.
É nesta altura, que a maioria das pessoas e também dos desportistas de ar livre, se entristecem como que a acompanhar o estado de espírito do tempo e de um modo geral diminuem as suas actividades.
No entanto, é também nesta altura, que um grupo muito restrito de desportistas se alegra com a chegada das primeiras chuvas. Estranho, não é? São ao contrário dos outros.
Pois é, estou a falar dos canoistas de águas bravas, que por esta altura dão pulos de contentes enquanto observam o nível dos rios a subir.
O Tuareg Kayak Clube, apesar de não estar especialmente vocacionado para águas bravas, mais uma vez reuniu os seus elementos e pagaias para outra aventura, desta feita no rio Paiva, nos dias 9 e 10 de Novembro do ano passado.
E lá foram eles em direcção a Arouca, capital da canoagem, como já alguns lhe chamam, região de grande beleza cheia de picos pronunciados e vales profundos, onde lá no fundo correm aquelas linhas prateadas a anunciar água que fazem as delícias dos canoistas.
O Tuareg Kayak Clube, está sediado em Sintra, portanto a maioria dos participantes partiu de Lisboa, e durante a tarde e noite do dia 8 lá foram chegando à praia do Arainho carros e jipes carregados de kayaks de todas as cores. Aos poucos, a praia foi-se enchendo de tendas e de sacos de bivaque dos mais afoitos que dispensam esses luxos de ter um pano de nylon por cima.
Outros mais sortudos ou mais despachados, foram ocupando as várias dependências de uma casa pré-fabricada em madeira, que ali foi montada pela Câmara Municipal de Arouca e que gentilmente foi cedida pela mesma.
Esta casa, que inicialmente se destinava a dar apoio ao Raft, actividade da qual o Tuareg Kayak Clube foi pioneiro, acabou por servir todas as actividades que se possam desenvolver no rio.
Eram 3 da manhã e ainda chegavam Tuaregs. São mesmo noctívagos!
Dia 9 de manhã deu-se início aos preparativos do arranque para a ponte de Nodar, local de partida para esta descida. O nevoeiro era denso e cobria o rio.
A caravana foi-se formando à beira da estrada, e com todos prontos iniciou-se o que parecia um verdadeiro desfile. Muitas viaturas com barcos em cima. Era um verdadeiro espectáculo.
Ao todo, eram 51 canoistas, entre Tuaregs e convidados.
Deram-nos a honra da sua presença, responsáveis do Inatel, do Clube Aventura & Risco da Escola Secundária de Sarrazolas, Clorofila Desportos de Acção, Clube Náutico de Almada e Desnível, além de muitos outros convidados particulares que se quiseram juntar ao T.K.C..
Depois de andarmos alguns quilómetros, montanha acima, saímos do nevoeiro para o sol e a paisagem era magniíica com o rio lá em baixo coberto de branco, enquanto cá em cima o sol brilhava.
Em Nodar, feitos todos os preparativos, as 44 embarcações fizeram-se ao rio já sem nevoeiro. Eram 12h 00m de um dia espectacular e começava uma viagem que viria a ficar conhecida pela "descida das pedras".
Mau grado nosso, o nível do rio, ainda não oferecia as condições para uma descida nas melhores condições, no entanto isso não intimidou a caravana que arrancou alegremente rio abaixo.
Via-se de tudo, desde especialistas em águas bravas com embarcações muito evoluídas que faziam quase milagres com a pouca água existente, até aqueles que era a primeira vez que se sentavam num kayak e que levavam embarcações mais estáveis e portanto menos manobráveis e que necessitavam de mais água para progredir, encalhando em tudo o que era pedra. Também as curvas do rio não ajudavam muito, eram para a esquerda quando o kayak queria ir para a direita e vice-versa.
O rio, de facto apresentava-se com muita pedra à mostra e exigiu dos participantes um esforço extra para remar quase em seco, ou para em muitos sítios terem que sair do barco e transpor alguns obstáculos à mão.
Duas horas e muita porrada depois, os primeiros canoistas começaram a chegar a Meã local de chegada. Estava quase concluída mais uma actividade do T.K.C., num rio que uma semana depois já não parecia o mesmo com as chuvas que foram caindo.
Os iniciados, que de princípio lutavam com as curvas do rio e os caprichos do kayak, já conseguiam remar a direito.
De salientar o apoio prestado pelo Inatel, que fez deslocar para o local um atrelado cheio de kayaks.
O troço efectuado é de grande beleza natural, bem como todo o rio, e não apresenta dificuldades de maior para qualquer pessoa que se queira iniciar nestas andanças, desde que obviamente, devidamente acompanhado e com os meios necessários.
À noite, depois de todos vestidos e secos e com o material já arrumado e com o jantar de confraternização a ser servido, ouviam-se as histórias de uns e outros. Uns relembravam os tombos que deram, outros discutiam sobre o número de pedras que tinham contado rio abaixo, mas o balanço final era positivo.
Os elementos do Clube Aventura & Risco, alunos da Escola Secundária de Sarrazolas, que são especialistas em Jet-Surf nas ondas do mar, experimentaram pela primeira vez a sensação de descer um rio e prometem voltar.
Pena foi que nem todos comparecessem ao jantar. Nesse mesmo dia, vários canoistas tiveram que partir, para Lisboa, Leiria, Esposende, Caramulo, onde novas aventuras os esperavam. O dia seguinte foi reservado a dar um passeio de carro, pela Serra da Freita onde se encontra a cascata da Mizarela com uma altura de 70 mts e as pedras parideiras, um fenómeno quase único no mundo.
Agora a pergunta que lhe surge, caro leitor, caso não seja um praticante de canoagem, é porque razão esta gente faz mais de 300 Km para cada lado, dorme no chão, come pior, para fazer duas horas num rio e vir embora? É estranho não é!. Afinal o que move esta gente? Um dia destes, junte-se a uma das actividades do Tuareg Kayak Clube, e venha descobrir porquê.
Até breve.



A falta de água no rio Paiva levantou alguns problemas na progressão dos canoístas. Na imagem podemos ver o Prof. António Miranda (Escola da Sarrazola) praticamente em seco

Texto: Octávio Teixeira de Almeida
Fotografia: Costa Motta



SUBMATE Ida



• Saco Cama MK 20	16.240$00
• Saco Cama Usky	10.790$00
• Frontal Zoom Petzl	5.950$00
• Capacete Ecrin	11.760$00
• Bidon Estanque 7 l	2.650$00
• Bidon Estanque 14 l	5.100$00
• Bolsa Estanque Aquastop	3.770$00

Rua Coronel Bento Roma, Lote 920, Loja Esq. • 1700 LISBOA
Tel.: (01) 847 12 69 - 840 32 00 • Fax: (01) 840 37 29

Este é um espaço dedicado, em exclusivo, às experiências canoísticas dos nossos leitores. Neste número, Luís Carneiro do Clube Viking's conta-nos as suas aventuras pelos mares do norte de Espanha.



Expedição à ilha Ons

Após a pernoita em Liméns (Cangas), a expedição Luso-Galega zarpou em direcção à ilha de Ons. O dia 19 de Outubro amanheceu enevoado mas, com o passar das horas foi melhorando gradualmente, permitindo-nos avistar as ilhas Cies. O primeiro percurso, ainda na ria de Vigo, serviu de adaptação, do grupo português Viking's, ao ritmo puro de turismo náutico imposto pelos expedidores espanhóis.

A frota, composta por dezassete K1 e três K2 (em Espanha não existe a tradição do turismo em K2), alcançou o final da ria ao fim de uma hora de navegação e entrou no mar aberto. Para trás ficaram as ilhas Cies e o nosso rumo, era agora, os 335 graus navegando num mar calmo e silencioso com a silhueta da ilha Ons ao longe, só avistada quando o nevoeiro o permitia. Pagaiamos a ritmo certo e compassado, com o convívio entre todos e alguns enjôos pelo meio, a marcarem as três horas que levámos a percorrer os 13 quilómetros da travessia.

Finalmente, alcançámos a pequena ilha de Onza que se situa a sul do nosso objectivo. Aqui, foi tomada a decisão de não contornar a ilha mas sim, seguir directos ao local de chegada pois o nevoeiro ameaçava cerrar a qualquer momento. Os corvos marinhos foram os anfitriões à chegada, visto que esta quase deserta mas bela e ainda natural ilha, vive, neste momento, a força da desertificação humana.

Após a acostagem e desembarque na praia das Dornas (barcas), retemperámos forças com um ligeiro pic-nic e um banho de água quente na Casa Acuña, onde ficámos alojados, sendo o único local de encontro dos habitantes.

Como não podia deixar de ser e para abrir o apetite para o jantar, fomos por terra ver o que do mar não tinha sido possível, devido ao nosso companheiro de última hora, o nevoeiro. Por trilhos de terra batida visitámos locais de incomparável beleza, com especial destaque para o Buraco do Inferno onde o mar apresenta todas as suas credenciais, com ondas de 3 metros de altura a rebentar na escarpa e ameaçando galgar por cima. Noutros locais, fomo-nos inteirando da história da ilha que, por curiosidade, em 1954 tinha 540 habitantes e hoje apenas 6 renitentes em partir.

Ao jantar, foram servidos os tradicionais pratos de Tortilha e Calamares e, para acalmar o apetite insaciável dos piraguistas foi necessário reforçar a dose. O convívio continuou pela noite dentro com os relatos e histórias de outras aventuras.

No dia seguinte, a manhã apresentou-se muito agreste com o vento a soprar forte e um nevoeiro muito cerrado. A nossa ideia inicial era a de contornar a ilha antes do regresso mas, face a esta situação meteorológica, optámos por seguir até ao extremo da ilha e de seguida traçar um rumo à barra da Ria de Pontevedra. O rumo encontrado era o de 130º e não poderíamos cometer qualquer erro porque a visibilidade era muito reduzida, na ordem dos 30 metros. Pagaiámos o mais junto possível uns dos outros e, ao mais pequeno ruído de motores a tensão aumentava, pois a possibilidade de sermos abalroados era bastante grande. Ao fim de uma hora e trinta minutos de navegação, alcançámos o ponto programado com grande rigor. Maricarmen e Franz, os nossos navegadores, estavam de parabéns. Continuámos rumo à ria de Alda com condições climatéricas melhores (o nosso destino era visível) e ao fim de duas horas e trinta minutos retemperámos as forças numa praia resguardada da força do mar que rebentava junto à costa com violência e beleza.

O nosso novo destino era a ria de Vigo. Para desfrutar da beleza da costa com as suas escarpas verdejantes, pagaiámos junto a terra. O mar apresentou-se mais revolto mas sem provocar grandes dificuldades na progressão e, ao fim de cerca de uma hora, alcançámos a entrada da ria. Já a navegar no estuário, aconteceu o momento mais emocionante para a grande maioria dos participantes nesta Expedição, uma família residente de cerca de 40 golfinhos com as respectivas crias fez-nos companhia. Após os termos deixado na sua faina diária à procura de alimento, até à chegada o tema de conversa não podia deixar de ser os golfinhos, fazendo-nos esquecer as dores provocadas por cinco horas de pagaiada.

O nosso principal objectivo tinha sido alcançado, tínhamos desfrutado da Natureza e conhecido mais um local deste planeta tão carenciado de atenção e respeito.





Após as despedidas com um até breve ficou nas nossas mentes uma futura exploração às Ilhas Cies. Vão programando um fim-de-semana.



Porto Santo a volta à ilha





Envolta em alguma polémica em relação à data da sua descoberta, a ilha de Porto Santo foi um marco para Portugal na sua epopeia atlântica e para as restantes nações europeias. Oficialmente, o ano da sua descoberta é 1419, e o navegador Gonçalves Zarco o seu autor.
A ilha, com os seus 50 km2 de superfície, uma praia de areia calcária com 9 km de comprimento e um ambiente despoluído, é procurada como principal destino turístico dos madeirenses e de muitos estrangeiros.

Texto e Fotografia: Vasco de Melo Gonçalves

A realização da primeira volta à ilha, em kayak, organizada pelo Centro Treino de Mar, foi a oportunidade de muitos continentais conhecerem esta magnífica ilha. O cariz meramente competitivo desta organização tira, a meu ver, grandes possibilidades a todos aqueles que pretendem desfrutar a ilha na sua vertente turística. Por outro lado, as passagens e custos dos transportes de material, levantam problemas financeiros à grande maioria das pessoas.

O percurso desta volta, estimado em 41 quilómetros, estava dividido em duas etapas. A primeira e a mais longa, ligou Porto Santo à Ponta da Calheta, via norte da ilha, enquanto a segunda ligou esta Ponta novamente a Porto Santo e ao longo do maravilhoso areal.
A largada foi dada de manhã cedo, de uma praia junto da marina, após uma pequena "revolta" dos participantes que não queriam sair dos seus kayaks para realizar uma largada tipo "Le Mans".

À saída da marina o nosso rumo era para NE na direcção do Ilhéu de Cima. A ondulação não era elevada mas, o efeito do vento e a aproximação ao rochedo com os seus fundos baixos iam criando algumas dificuldades. Eu e o meu companheiro Costa Motta lá íamos navegando na companhia dos restantes elementos dos Tuareg até que, a certa altura o meu leme, no meio de mar que já impunha um certo respeito e muita atenção à manobra, me alertou que teríamos de navegar mais para ➤



Aspecto da largada. Uma volta à ilha de Porto Santo, para conhecer lugares de grande interesse, poderá ser realizada neste "taxi"





norte rumo à Ponta dos Ferreiros. Quando olhei, só vi uma imensa montanha de água com espuma na sua crista e pensei para comigo como é que íamos passar aquelas "montanhas" sem ter de mergulhar nas águas de Porto Santo.

Com o aproximar, começámos a ver que as ondas vinham de frente e que apesar dos seus três a quatro metros não estavam a levantar os problemas que eu tinha imaginado. Nesta situação, o trabalho de equipa é fundamental para manter a embarcação estável mas, o papel do leme é essencial para garantir o melhor ângulo de ataque à onda e nunca deixar a embarcação atravessar-se. A concentração do Costa Motta era total e apenas desviávamos o olhar do mar para vermos se os nossos companheiros não navegavam excessivamente perto de nós. O mar parecia não querer abrandar e passado algum tempo lá vislumbrámos o Ilhéu das Cenouras e em consequência disto, alterámos o rumo, com uma navegação mais NNW. Passado o ilhéu, o mar acalmou mas começámos a apanhar as ondas por través e muitas delas já rebentadas e, a ajudar à festa, tínhamos que estar atentos ao retorno que elas provocavam, pois navegávamos perto das paredes rochosas. A navegação na parte norte da ilha, até ao Ilhéu do Ferro, foi a mais cansativa e com o nosso kayak (sem bomba de água) a fazer água que era um disparate.

Fomos parando sucessivamente para pedir auxílio ao semi-rígido, no sentido de ser retirada a água do interior do kayak. Este lastro móvel provocado pela água, por diversas vezes fa provocando o virança da embarcação, evitado à última da hora pelos apoios do Costa Motta e do meu assobio (no final, o Costa Motta disse-me que o assobio era a coisa que mais o enervava), que significava que a coisa estava negra.

Após cerca de cinco paragens (que provocaram um desgaste adicional e uma quebra de ritmo), algum cansaço e de não me estar gozo nenhum aquele troço, sugeri ao meu companheiro que desistíssemos daquela etapa e continuássemos da parte da tarde na etapa mais calma onde o kayak não meteria tanta água.

Assim o fizémos e subimos para barco de apoio, quando estávamos a bordo é que me alertaram para situação de não poder participar na segunda etapa por ter desistido na primeira. A frustração foi total, a culpa tinha sido minha pois não tinha lido os regulamentos (tínhamos chegado ao Porto Santo na noite anterior e levantado às 7 horas da manhã para ir ver o estado do barco) mas, não me passava pela cabeça que fosse vedada a possibilidade de participar (mesmo que não contando para a qualificação final), a um canoista que fez uma viagem de avião, pagou passagem, pagou inscrição, e que apenas é motivado pelo gosto de andar na água.

Regulamentos! A segunda etapa não teve história, o mar estava calmo e os canoistas limitaram-se a pagaiar junto à praia desfrutando de uma paisagem magnífica. Ao fim do dia, realizou-se o jantar de entrega de prémios aos primeiros classificados e de lembranças às entidades apoiantes do evento.

Mais animada foi a confraternização que entrou pela noite dentro no bar La Siesta, mesmo junto à praia.

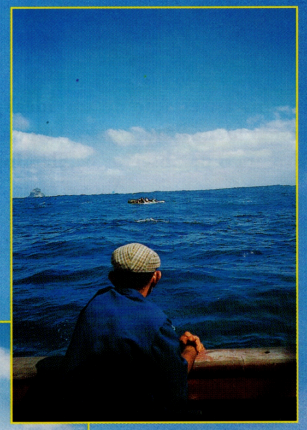
Como análise final, navegar de kayak na ilha de Porto Santo poderá acarretar algumas dificuldades de logística para os canoístas, designadamente, o transporte das embarcações ser caro, não existir material para alugar e ainda, a morfologia da ilha não ajudar. Por exemplo, no caso concreto da costa norte não existem locais de abrigo para fazer face a situações de mau tempo ou acidente. A opção de utilização de kayaks desmontáveis, tipo Klepper, poderá ser a solução para o transporte.

A Ilha

A Ilha de Porto Santo ou Santo Christi, visita-se com alguma facilidade em virtude de ser pequena. Como locais a visitar temos: A Igreja matriz construída no século XVI e pilhada sucessivamente pelos corsários, tendo sido por estes praticamente destruída em 1566. Reconstruída em 1667, tem como padroeira Nossa Senhora da Piedade;

Os Paços do Concelho que sendo um modesto edifício, mantem uma certa dignidade, especialmente o portal;

A Casa de Colombo, onde se diz ter sido a sua residência e onde podemos ver alguns objectos ligados ao mar e a épocas remotas. Para além destes locais de interesse histórico e arquitetónico, existem numerosos lugares de interesse paisagístico como é o caso da Fonte da Areia, onde as formas esculpidas pela erosão são magníficas. E, ainda, o Pico do Castelo com 517 metros de altura. A gastronomia é marcada pela caldeirada e bodião salgado; a doçaria pelo pão-de-ló e os vinhos de mesa pelo Verdelho e Malvasia.





O lado norte da ilha é bem mais agreste e sem locais de abrigo. A pesca é uma das actividades económicas mais importante de Porto Santo

Flamingos no Tejo

O Inverno é a estação do ano ideal para a observação de aves no estuário do Tejo. Cerca de vinte e três espécies estão identificadas pelos responsáveis da Reserva Natural do Estuário do Tejo mas, o nosso principal objectivo era o de observar os Flamingos. Estima-se que passem o Inverno, em Portugal, cerca de 2000 indivíduos e mais concretamente, na zona de Pancas / Ponta-da-Erva.

Texto e Fotografia: Vasco de Melo Gonçalves



Fotografia: Carlos Abreu

Fase de preparação dos kayaks, momentos antes de largarmos da Vila de Alcochete



As canoas e kayaks são as embarcações ideais para a observação de aves pois, sendo silenciosas permitem uma aproximação sem causar perturbações. Para além desta vertente, a prática da canoagem nos estuários com grandes zonas de lodo funciona, em certa medida, como alternativa às más condições de mar, durante o Outono / Inverno e, desenvolve as capacidades de programação de um passeio e análise dos múltiplos factores (marés, locais de embarque e desembarque, escolha da embarcação, duração do passeio em virtude de os dias serem mais curtos), que contribuem para o seu sucesso.

O local escolhido para o acesso à água foi Alcochete. Esta povoação fica relativamente perto da zona densamente povoada pelos Flamingos e, o seu pontão permite a colocação das embarcações na água, mesmo na maré baixa. As embarcações utilizadas neste passeio foram, dois kayaks de mar (um bilugar e um monolugar), da Prijom, com cerca de 5 metros de comprimento. Pelas 10 horas, já nos encontrávamos a navegar com um rumo E / NE, com o objectivo de observar as salinas. O sal, em tempos que já lá vão, foi um factor importante de desenvolvimento chegando a ser exportado. Hoje em dia, esta notoriedade abrandou e a sua exploração já não é tão rentável. A visão das salinas, para quem navega no rio, é algo estranha pois estamos à espera de encontrar grandes montes brancos mas, na realidade, o que observamos são grandes figuras geométricas cobertas de vegetação, cobertura esta, que evita a dissolução do sal.

O canal de acesso às salinas é estreito e, como partimos com a maré a encher, tivemos de navegar com todo o cuidado, para não ficarmos atolados. O lodo das margens é explorado por Alfaiates que, com o seu bico estreito e dobrado para cima, apanham caranguejos pequenos e, ainda, Tarambolas-Cinzentas que se alimentam de caranguejos pequenos e bivalves. Os bandos de Gaivotas, iluminados por uma luz rasante, criavam um cenário espectacular. Demorámos cerca de uma hora a realizar este percurso. Ao regressar-mos, e quando navegávamos com um rumo N/NE, eu e meu companheiro Lino tentámos identificar uma extensa linha branca que, de vez em quando, mudava de tonalidade. Quando nos aproximámos, verificámos que se tratava de um bando de cerca de duzentos Flamingos. A expectativa era grande, a aproximação foi realizada com todos os cuidados para não assustar as aves e permitir uma observação mais pormenorizada desta espécie de grande beleza, onde a cor branca se misturar com um rosa / salmão forte.

Esta espécie é rara no nosso país. Podemos observar alguns bandos no estuário do Tejo e na ria de Faro. Os Flamingos são extremamente sociáveis; voam em filas diagonais desarticuladas e não totalmente ordenadas e levantam vôo após uma corrida vigorosa. A sua reprodução é, geralmente, feita em pântanos salgados e em locais inacessíveis. As aves reproduzem-se apenas nos anos em que o teor de sal é o ideal para o desenvolvimento das suas crias. Quanto à sua alimentação, ela é constituída de caranguejos pequenos, larvas de insectos aquáticos e sementes que flutuam na água.

Ao detectarem a nossa presença e quando nos encontrávamos a cerca de 30 m, levantaram vôo proporcionando um espectáculo digno de qualquer série da BBC. O nosso companheiro de passeio Carlos Abreu não estava connosco nesta altura pois, tinha ficado mais para trás a fotografar. Após vários sinais, reagrupámo-nos e conversámos sobre o que iríamos fazer face à alteração das condições climatéricas (vento e na zona de Lisboa aquela tonalidade característica da chuva a cair no rio) que se adivinhavam no horizonte. Optámos por uma nova aproximação ao bando e logo de seguida voltaríamos a Alcochete. Este segundo contacto foi ainda mais espectacular do que o primeiro, dado que conseguimos encurtar a distância ➤



O pontão de Alcochete é um local ideal para embarcar e desembarcar





No canal das salinas, as margens são palcos das diversas actividades económicas da região



que nos separava dos Flamingos. O regresso a Alcochete foi uma "luta", de cerca de uma hora, com as forças da Natureza. O rio encontrava-se com as características que eu, particularmente, gosto: vento contra, maré contra e uma mareta com cerca de 0,70 m de altura.

O acesso a terra e em virtude da maré já estar cheia fez-se junto ao pontão donde tínhamos partido, mas na rampa de acesso à marginal e sem qualquer dificuldade.

Quinze dias depois, voltei a este local com o meu companheiro de kayak Luís Quinta, para tentarmos fotografar com mais qualidade os Flamingos. Desta vez utilizámos o bilugar Berlengas e largámos do mesmo local e sem dificuldade na colocação da embarcação na água. Apenas nos adiantámos um pouco em relação à hora de mudança da maré. Largámos com a maré a vazar e a experiência foi bastante engraçada. Primeiro, foi uma luta contra o tempo para nos afastarmos da margem e chegarmos ao local onde anteriormente tínhamos observado os flamingos. A água desapareceu debaixo da embarcação a uma velocidade estonteante e se não nos precavíamos, ficávamos em seco com a maior das facilidades. Mas, era nossa intenção ficar em seco para desta forma podermos fotografar as diversas espécies de aves no seu período de alimentação. Realmente elas apareceram mas mantiveram-se sempre a uma distância significativa, o que não permitiu a captação de imagens com a lente de 300 mm, que equipava a máquina do Luís. Os Flamingos, esses, pregaram-nos uma partida e não vimos sinais deles, talvez a chuva que caiu no período que separou as duas visitas os tenham afastado do local.

Um dos motivos de interesse deste segundo passeio foi a observação de inúmeras "ilhas" de lapas (todas elas mortas, pelos componentes das tintas utilizadas na pintura dos cascos das embarcações, segundo informações recolhidas), que provocam uma paisagem diferente e estranha. Por fim gostaria de deixar um alerta para que se respeite a Natureza e neste caso, as aves em particular, pois são muito sensíveis no seus períodos de nidificação. Só por curiosidade, ainda se lembram do famoso campo de tiro de Alcochete?

O rio

A Cala de Alcochete, local onde navegámos, só é utilizada por embarcações de tráfego fluvial. Tem uma extensão aproximada de 2,3 milhas, entre a bóia de espera, posicionada à entrada da cala, e a ponte cais de Alcochete. A sua largura varia entre os 150 m, na entrada, e os 50 m.

Os valores máximos teóricos das alturas da preia-mar e da baixa-mar de águas-vivas são de, 4,3 e 0,2 m respectivamente, em relação ao marégrafo instalado na Doca da Marinha. Para montante da Praça do Comércio, de um modo geral, os fenómenos da preia-mar e da baixa-mar ocorrem mais tarde e com maiores valores da amplitude da maré (consultar a Tabela de Marés do Instituto Hidrográfico).

O conhecimento das correntes e das correntes de maré que se fazem sentir na área do porto de Lisboa é muito importante. Assim, as correntes do rio Tejo, na zona compreendida entre Vila Franca de Xira e o meridiano de Cacilhas, são mais acentuadas próximo das margens que no meio do rio, porque sobre a margem direita correm as águas vindas das calas do Norte e das Barcas e sobre a margem esquerda, as que vêm das calas de Samora e de Alcochete. Estas águas dirigem-se para SW e vão encontrar, no Mar da Palha, as águas provenientes das calas do Montijo, do Barreiro e do Seixal, que correm para NW.

A vila

Alcochete é conhecida pela suas salinas e, no século passado e princípio deste, era considerada um destino balnear dos Lisboetas. Como locais a visitar temos a igreja matriz e a capela do Palácio Real.

Quanto às festas, no segundo domingo de Agosto temos as Festas do Barrete Verde e das Salinas; a Romaria de Nossa Senhora da Conceição dos Matos na primeira segunda-feira de Agosto; Romaria de Nossa Senhora da Vida a 8 de Setembro.

O kayak Odyssey

Estas condições climatéricas e de rio foram ideais para analisar, parcialmente, o Prijom (bilugar), modelo Odyssey, em que naveguei. Trata-se de uma embarcação com 4,90 m de comprimento, 30 kg de peso e construída em plástico polietileno HTP extrusado insuflado. Tem uma capacidade para 440 litros e está equipado com dois compartimentos estanques, um à proa e outro à popa, para levar carga. A navegar demonstrou ser um kayak estável, de fácil manobra e muito confortável, com apenas dois pontos negativos, o excessivo peso e o seu comprimento ser reduzido provocando, por este facto, ao canoista que vai à frente, sucessivos banhos quando navega com mareta e contra o vento.

Saco-cama



• O saco cama formato múmia mantêm-no mais quente mas é mais estreito. Os sacos rectangulares funcionam de maneira inversa

• Os materiais que revestem o saco cama são importantes: alguns são mais macios em contacto com a pele, outros mais ásperos e repelem melhor a água

• O capuz tem que manter o calor no seu interior. Certifique-se de que pode ser ajustado e que tem bastante isolante.

• O presponto deve estar bem feito e ser apertado. Penas que saiem querem dizer que o saco está roto

• Não julgue o saco cama pelo seu aspecto fofo. Os sacos camas de penas podem ser muito cheios e os sintéticos parecerem relativamente baixos

"Quando era jovem e um montanhista inexperiente de parcos recursos, comprei o meu primeiro saco cama. Estava determinado a não ter arrepios a elevadas altitudes, e optei por um grande e fofo de custo acessível: seria o meu saco cama para todas as viagens de campismo. Paguei cara a economia que fiz, dado que este saco 4 estações era na verdade concebido para apenas uma, quando não estava frio de congelar ficava literalmente ensopado. Assim, a menos que tenha intenção de acampar com uma altura de neve razoável, não compre um saco cama muito alto. Ao invés, o que irá pretender será um saco cama que o mantenha confortável as outras 3 estações do ano: aquele que seja o suficientemente quente para uma noite de Primavera fria, que não seja muito quente para quando as temperaturas estão mais amenas e que seja leve e compacto o suficiente para caber com facilidade num dos compartimentos do seu kayak ou saco estanque". Douglas Gantenbein

O aumento da prática da canoagem em autonomia e a interligação que esta actividade tem com outras modalidades de ar livre, obriga que a escolha do equipamento e mais concretamente a do saco-cama seja o mais criteriosa possível não só por uma questão de conforto como, também, financeira.

Texto: Vasco de Melo Gonçalves

Antes de comprar tenha atenção no seguinte:

- Para o uso em três estações, procure um saco cama que esteja classificado para os 20 graus Farenheit.
- Escolha entre os de isolamento menos volumoso (mais duráveis e leves) e os sintéticos (mais baratos e mais quentes quando está húmido).
- O saco deverá ser próprio para o seu tamanho: suficientemente comprido para que possa caber nele e largo, o quanto baste, para que fique confortável.

Utilização

Um saco regulado para os 20 graus Farenheit, parece ser o mais versátil, dado que, mesmo durante o Verão, não está muito quente em zonas de montanha e junto aos rios e, mantê-lo-á confortável na Primavera e no Outono. Ainda assim, entre os sacos regulados para os 20 graus, estão incluídos alguns que se encontram regulados para temperaturas baixas até aos 5 graus e que servirão em situações em que a maioria dos acampamentos aconteçam. Lembre-se que as classificações de temperatura são pontos de referência estabelecidos pelos fabricantes. O saco que na verdade o manterá quente também depende da sua forma, do seu metabolismo, se armazenou ou não suficientes calorias que sequem o frio antes de se deitar e ainda o tipo de local, terreno e proteção, onde vai dormir.

Os preços dos sacos estão directamente ligados ao tipo de enchimento e dividem-se em dois tipos muito distintos: os sintéticos e os de penas. A maior parte dos sacos sintéticos são mais baratos que os sacos de penas - alguns modelos podem custar mais do dobro dos melhores sacos cama sintéticos. Os sacos cama de penas são mais compactos e de maior durabilidade. No caso dos de mais elevado preço a relação temperatura peso é melhor. Se faz muito campismo um bom saco cama de penas pode durar o tempo de 3 ou 4 sacos cama sintéticos.

Concepção e materiais

Isto não quer dizer que o seu investimento seja necessariamente num saco cama de penas. Os de enchimento sintético também têm o seu lugar.

Sintéticos: não necessitam de manutenção muito sofisticada - os enchimentos sintéticos são de fácil manutenção. Podem ser lavados na máquina, mantém a maior parte das suas capacidades de isolamento quando húmidos e secam rapidamente, resistência ao bolor e ao orvalho e não provocam alergias Mas surge agora a pergunta de qual o isolamento artificial que devemos escolher.

Lite Loft - é aquele que melhor se impôs no mercado em termos de enchimento sintético, a sua relação temperatura-peso é comparável aos sacos cama de penas 550 . Têm uma boa altura, isto é, criam espaços de ar que mantém o calor (mantendo em simultâneo o aspecto fofo). Mantém o isolamento mesmo quando perdem metade da sua altura e são bastante comprimiveis.

Micro Loft - semelhante ao Lite Loft no que diz respeito ao isolamento e compressão e ligeiramente mais resistente à água.

Primaloft - Este isolante sintético é o mais caro porque é concebido muito à semelhança dos sacos cama de penas. O Primaloft possui fibras muito finas que imitam as propriedades isolantes das penas na retenção do ar quente. O Primaloft possui a melhor relação calor peso dos enchimentos sintéticos e é ainda resistente à água. Não pegou no mercado como o Lite Loft, porque é mais caro e não tem um aspecto tão fofo.

Polarguard HV - Versão actualizada. As fibras de polyester Polarguard são mais leves e mais eficientes pois foram tornadas mais ocas. Este isolante resiste às mudanças e aos rasgões sendo mais durável e também mais volumoso.

Penas: Em canudos é mais quente. Os sacos de enchimento de penas são mais isolantes para o peso que têm, duram mais tempo e são mais flexíveis e mais compactos que os sacos sintéticos. É possível comprovar as características isolantes deste enchimento a olho nu: Quanto mais canudos tiver o saco, mais quente se torna. Quanto mais alto for o enchimento, mais ar consegue reter (sendo maior o custo). As capacidades de isolamento podem ser observadas pelo seu poderoso enchimento. Enchimento mais denso significa que o saco será mais leve a qualquer temperatura.

Senões: Os sacos de penas quando molhados são inúteis, demoram muito tempo a secar e requerem cuidados especiais na sua lavagem. Por outro lado a sua tenda deverá manter a chuva do lado de fora e existem no mercado embalagens à prova de água para guardar os sacos cama. ➤



Considerando o invólucro mas provavelmente não o peso

A maior parte dos invólucros são feitos de uma camada fina de nylon ou polyester que ajuda a proteger do vento mas dá ao seu saco uma protecção modesta contra o suor que poderá passar para a tenda. Alguns invólucros são feitos de materiais mais caros; de micro fibras mais macias para maior protecção contra o vento e a água.

Se comprar um saco de penas, tenha em conta que seja com um invólucro de Loft seco, uma versão mais fina e respirável da Gore-Tex. Eu não faria a aquisição de um saco cama regulado para os 20 graus baseando-me apenas no seu peso. Partindo só deste parâmetro existe pouca diferença entre o mais barato dos sacos sintéticos e os melhores modelos baixos.

Design e dimensão

A maior parte dos sacos cama apresentam-se em 3 formas básicas: saco múmia; múmia modificada (mais largo) e saco rectangular. O saco múmia é o mais quente porque deixa muito pouco espaço entre o seu utilizador e o saco, permitindo mais calor e não deixando entrar o ar frio. Se dormir em posição fetal ou gostar de se virar então considere o saco múmia modificado. Afunila nos pés para manter o calor mas dá aos cotovelos e aos joelhos espaço de manobra. O saco rectangular é mais espaçoso e requer mais energia para aquecer. Quanto ao comprimento adquira um saco suficientemente grande para o seu corpo mas não mais do que isso. Irá pagar mais caro por um saco maior que requer mais energia para manter a temperatura e será mais pesado.



Outros aspectos

Verifique sempre os pontos do saco certificando-se que não existem fugas de penas. O fecho eclair deverá estar plano e bem isolado. Procure um capuz com bom enchimento, com contorno e cordão.

Estes são alguns dos aspectos que deverá ter em conta quando pensar em adquirir um saco cama mas, uma conversa mais aprofundada com a grande maioria dos agentes económicos ligados à comercialização deste tipo de equipamento poderá ser bastante útil, em virtude de os próprios serem grandes utilizadores de sacos camas e por conseguinte, estarem por dentro de todos os pormenores do equipamento.

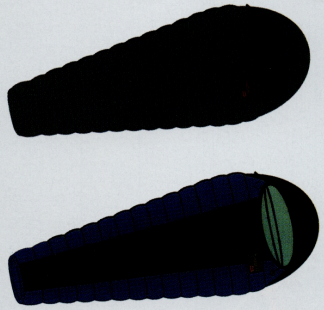
Para finalizar, publicamos uma lista de alguns (contactámos todos os importadores de sacos de cama, mas só alguns se dignaram enviar material para elaboração desta lista) modelos comercializados em Portugal com as respectivas características técnicas.

MERCADO NACIONAL

MOUNTAIN EQUIPMENT

• Classic 500

Temperatura: -5º / 20º; Dimensões: 222 cm X 80 cm X 52 cm; Peso: 1,05 Kg; Fabrico: exterior em DP 300 Nylon Ultrasoft, interior em DP 300 Nylon Ultrasoft; Enchimento: penas 500+; Preço (c/Iva): 41.860$00;
Importador: Teracom.



• Skywalker II

Temperatura: -5º / 20º; Dimensões: 225 cm X 85 cm X 55 cm; Peso: 1,55 Kg; Fabrico: exterior em 250 Nylon Ultrasoft, interior em 250 Nylon Ultrasoft; Enchimento: Polarguard HV; Preço (c/Iva): 25.116$00;
Importador: Teracom.

DEUTER

• Moon Shine 600

Temperatura: -24º / -1º / 22º; Dimensões: 220 cm X 80 cm X 55 cm; Peso: 1,25 Kg; Fabrico: exterior em Deuter Special Ripstop Nylon, interior em Deuter Multifilament Light Ripstop Nylon; Enchimento: penas 90/10 com 600gr; Preço (c/Iva): 37 450$00;
Importador: Vertical.



• Dream Light

Temperatura: -12º / -1º / 24º; Dimensões: 220 cm X 80 cm X 56 cm; Peso: 1,19 Kg (nylon), 1,30 Kg (algodão); Fabrico: exterior em Deuter Ripstop Soft Nylon, interior em Deuter Ripstop Soft Nylon ou mistura de algodão; Enchimento: 3M Thinsulate LiteLoft com 450gr; Preço (c/Iva): 23 380$00; Importador: Vertical.

FERRINO

• Inuit

Temperatura: -5º / 7º / 24º; Dimensões: 220 cm X 80 cm X 50 cm; Peso: 1,80 Kg; Fabrico: exterior em 100% Nylon Ferline 200 T, interior em 35% algodão e 65% polyester; Enchimento: penas 70/30 com 800gr;
Importador: Submate.



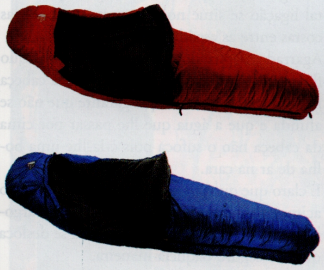
• Jazz 1900

Temperatura: -10º / 0º / 15º; Dimensões: 225 cm X 80 cm X 55 cm; Peso: 1,90 Kg; Fabrico: exterior em 100% Silz Micro Ripstop 280T, interior em 100% Nylon 205T; Enchimento: Quallofil 7 Dupont com 1 300gr;
Importador: Submate.

NORTH FACE

• Sunspot Dryloft

Temperatura: -9º; Dimensões: 152 cm X 137 cm X 97 cm, 157 cm X 142 cm X 102 cm ; Tamanhos: R e L; Pesos: R / 1,11 Kg e L / 1,25 Kg; Fabrico: exterior em Gore Dryloft, interior em Silky Taffeta; Enchimento: 700 Fill Power Goose Down; Preço (c/Iva): R / 81 600$00, L / 85 440$00; Importador: Altitude.



• Cat's Meow

Temperatura: -9º; Dimensões: 152 cm X 137 cm X 97 cm, 157 cm X 142 cm X 102 cm; Tamanhos: R e L; Pesos: R / 1,30 Kg e L / 1,42 Kg; Fabrico: exterior em Super Microfibre, interior em Super Microfibre com Vapor Wick; Enchimento: Polarguard 3D; Preço (c/Iva): R / 35 520$00, L / 36 960$00; Importador: Altitude.

VENTISCA

Temperatura: -7º; Dimensões: 225 cm X 90 cm; Peso: 1,85 Kg; Fabrico: exterior Nylon Tafeta encerado, interior em 100% algodão; Enchimento: Low-Fiber / Poliamida microporosa; Preço (c/Iva): 8.300$00 (verde) e 8.900$00 (camuflado); Importador: Ventisca.



ARTIACH

• Laponia II

Temperatura: -20º/-8º/12º; Dimensões: 230 cm X 80 cm X 55 cm; Peso: 1,50 Kg; Fabrico: exterior em Pertex, interior em Nylon Ripstop 40D; Enchimento: Quallofil 7; Preço (c/Iva): 24 500$00; Importador: Alternativa.



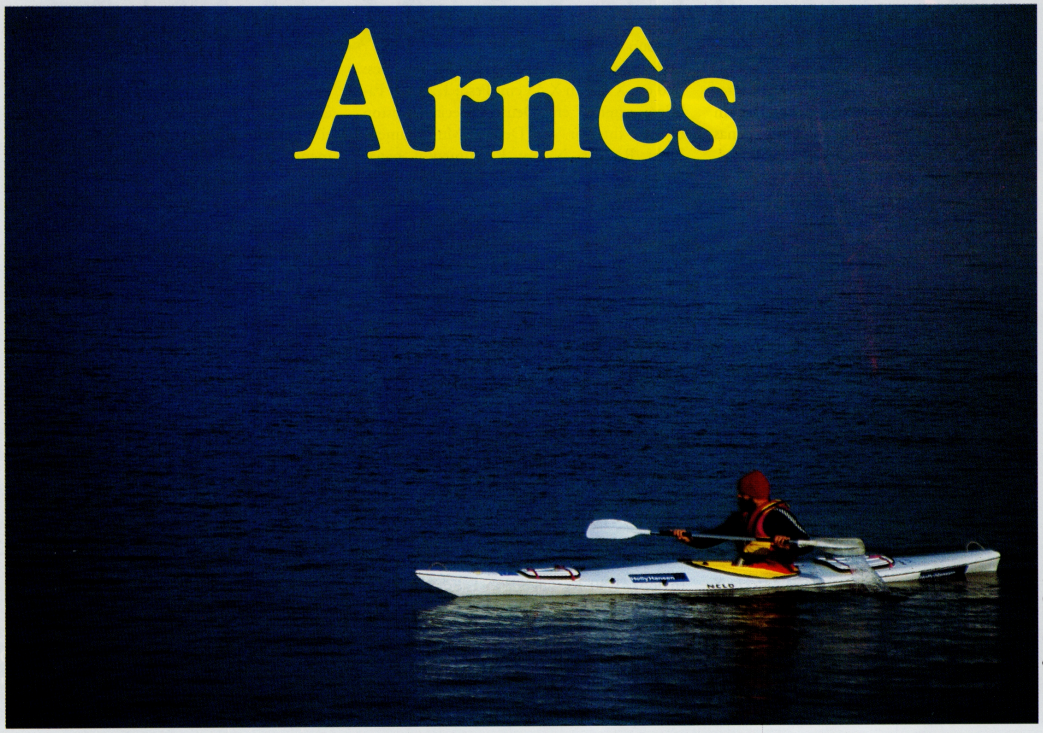
VANGO

• Omega 250

Temperatura: -15º; Dimensões: 225 cm X 80 cm; Peso: 2,00 Kg; Fabrico: exterior em 236T 40D Ripstop Nylon Taffeta, interior em 275T 40D Nylon Taffeta; Enchimento: Quallofil 7 e MicroLoft; Preço (c/Iva): 22 500$00; Importador: Alternativa



Arnês



Fotografia: Luís Quinta

Sabemos por experiência própria que a montagem de segurança durante as descidas de rios é descurada porque:

1. Se tem a ideia que é uma perda de tempo, tempo que é fundamental quando as deslocações de casa para o rio são longas.
2. Se avalia mal o grau de dificuldade das passagens.
3. Se sobrestima o valor dos canoistas.
4. Muitos canoistas não estão sensibilizados para a questão da segurança principalmente a do grupo. Normalmente pensam que se os outros vieram que se desenvencilhem.
5. A liderança do Grupo não é assumida.

Como actividade marginal levada a efeito por grupos dispersos, a descida de rios não foi até ao momento objecto de estudo quanto aos acidentes ocorridos e às suas consequências físicas ou psicológicas. Muitas vezes, os incidentes registados durante uma descida não passam de sustos mas, muitas vezes também esses sustos são responsáveis pelo abandono prematuro da actividade por muitos praticantes, contribuindo para a ideia de actividade radical e sem regras, levada a cabo por malucos da adrenalina.

Pensando então na segurança daqueles que pensam fazer águas bravas, vamos neste número da "PAGAIA" começar a falar do ARNÊS, ferramenta de segurança que encontramos montado em muitos modelos de coletes para canoagem.

O arnês nem sempre é identificado como equipamento de segurança passando muitas vezes por um simples cinto que ajude a compor a figura quando se enverga o colete.

Também serve para isso, no entanto foi concebido para ajudar a desenrascar nalgumas situações de perigo. Os primeiros arneses a serem usados eram arneses de montanha.

De facto, ele permite uma ligação segura entre um náufrago e a ajuda, entre a ajuda e um outro elemento em terra ou simplesmente uma rocha ou uma árvore da margem que funcionem como âncora.

Que características deverá ter então o arnês?

- Deverá ser composto por elementos, fita, alças se existirem, fecho, argola posterior de reboque, suficientemente resistentes que permitam a quem o enverga ser alado, rebocado ou rebocar por qualquer um deles sem o risco de se danificarem.
- Ser aconchegados ao corpo.
- Não tolher os movimentos do canoista.
- Não possuir nada nele dependurado que, ao nadar se possa prender a ramos, troncos ou pedras.

Sobre o fecho do arnês colocado na parte da frente do colete, ele é normalmente de plástico e é necessário ter em conta que:

- Deve possuir um sistema de abertura rápida, normalmente uma ponta de cabo com um nó, que permita a libertação rápida da argola posterior e logo do que a ela estiver agarrado.
- Deve possuir um sistema de desmultiplicação de forças de forma a que não seja sómente o fecho do arnês a suportar as forças exercidas no cinto. Normalmente esse sistema é constituído por uma chapa presa ao colete ou ao próprio cinto por debaixo do fecho, com 2 ranhuras, pelas quais o cinto passa antes de entrar no fecho.

A principal missão do arnês é, como já referimos, oferecer uma ligação segura a uma corda de segurança. É pois essencial que o ponto de tal ligação se situe no sitio certo, a meio das costas entre as espáduas.

Agarrado e puxado nesse sitio, o indivíduo flutua de costas e deverá fazê-lo com a cabeça flectida para a frente o que garante que não se afunda e que a água que lhe passar por cima da cabeça não o sufoca pois cria-lhe uma bolha de ar na cara.

É claro que quando veste o colete não é aí, tão acima entre as espáduas que se situa a tal argola de reboque mas, é para aí que ela se desloca quando seguro daquela maneira.

Há 3 ocasiões nas quais o canoista encontra utilidade para o arnês:

1. Num grupo organizado que monta segurança num rápido, em que a finalidade é ter um nadador salvador preso pelo arnês, pronto para se atirar à água para recolher pessoas e material.
2. Para dar apoio na rectguarda ao nadador salvador preso por corda.
3. E do ponto de visto do náufrago, para se ser resgatado.

Situação 1

Rápidos "perigosos" devem ser protegidos com canoistas nos seus kayaks no final das principais dificuldades mas, podem ser adicionalmente protegidos, e com mais sucesso, com a ajuda de um nadador salvador.

Isto implica que o grupo controla perfeitamente a sua movimentação no rio, perscrutando os rápidos e saltos. O posicionamento da equipa de salvamento depende do comprimento do rápido, e/ou da localização dos seus obstáculos mais perigosos, do trajecto que for tentado dentro de água e, da forma e características das margens.

Na organização da equipa o esquema será:

- Salvador em kayak - recolhe náufragos conscientes e equipamento.
- Nadador salvador com arnês - recolhe náufragos inconscientes ou feridos.

Esta mesma montagem poderá ser realizada a montante do "ponto quente" do rápido de forma a impedir que alguém lá caia involuntariamente.

Situação 2

Dois exemplos:

1. Retirara kayaks engravatados em água pouco profunda.
2. Retirar canoistas de kayaks e kayaks em água profunda.

No primeiro exemplo o salvador envergando um arnês e seguro por uma corda, enfrenta a sua tarefa procurando estabilidade na sua ligação com a corda. Se ele cair e não se conseguir levantar pela rapidez da corrente, apenas irá até à margem num movimento pendular.

No segundo exemplo, o nadador é colocado no sítio a jusante pela corda A e centrado pela corda B pelo que é essencial nesta manobra de resgate, um bom trabalho de cordas

Situação 3

Na perspectiva do náufrago o arnês é útil para:

1. Numa situação de engravatamento, o arnês pode obviamente aumentar as possibilidades de se ser salvo dado poder ser ligado facilmente a um cabo ou a um nadador salvador.
2. Com a ajuda da cinta telescópica* e do saco de arremesso* poder resgatar o material e escalar as margens com as mãos livres.

PROBLEMAS

Alguns canoistas muito experientes em águas bravas são fortemente contra o uso de qualquer tipo de arnês e os seus medos baseiam-se sobretudo no perigo de ficarem presos em qualquer coisa, um ramo por exemplo, enquanto pagaiam. As cintas telescópicas são de facto susceptíveis a que isso possa acontecer.

Depois, existe o velho problema de que com o equipamento de segurança envergado, o canoista se possa sentir invulnerável ou invencível, ou pode acontecer que envergado o equipamento de segurança, o indivíduo "em situação" descubra que não o sabe usar.

Só o treino com os equipamentos e a familiaridade com a actividade, temperadas com bom senso e humildade resolve esta questão.

Como dissemos, o arnês deve ser usado bem aconchegado ao tronco. Essa pressão implica uma ligeira perda de espaço para respirar mas há que valorizar o ganho na segurança oferecido pelo seu uso em detrimento dessa pequena perda de conforto.

No próximo número da "PAGAIA" daremos as receitas para o uso correcto do arnês com esquemas e tudo.

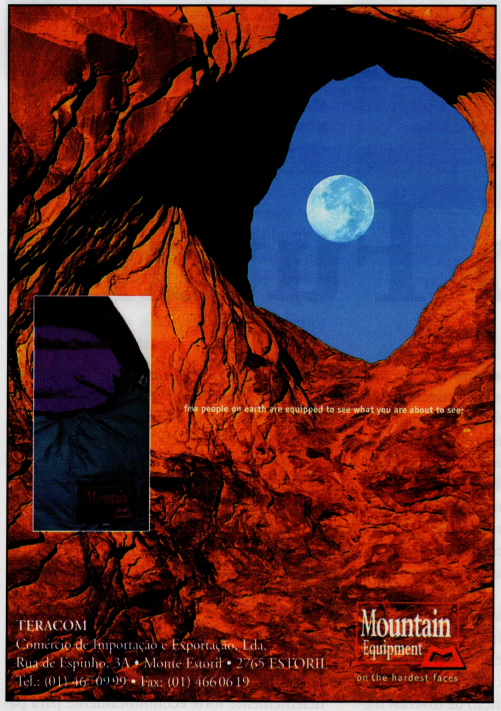
Não perca pois o próximo número de KAYAK CONTROL.

Texto: Alberto Gomes

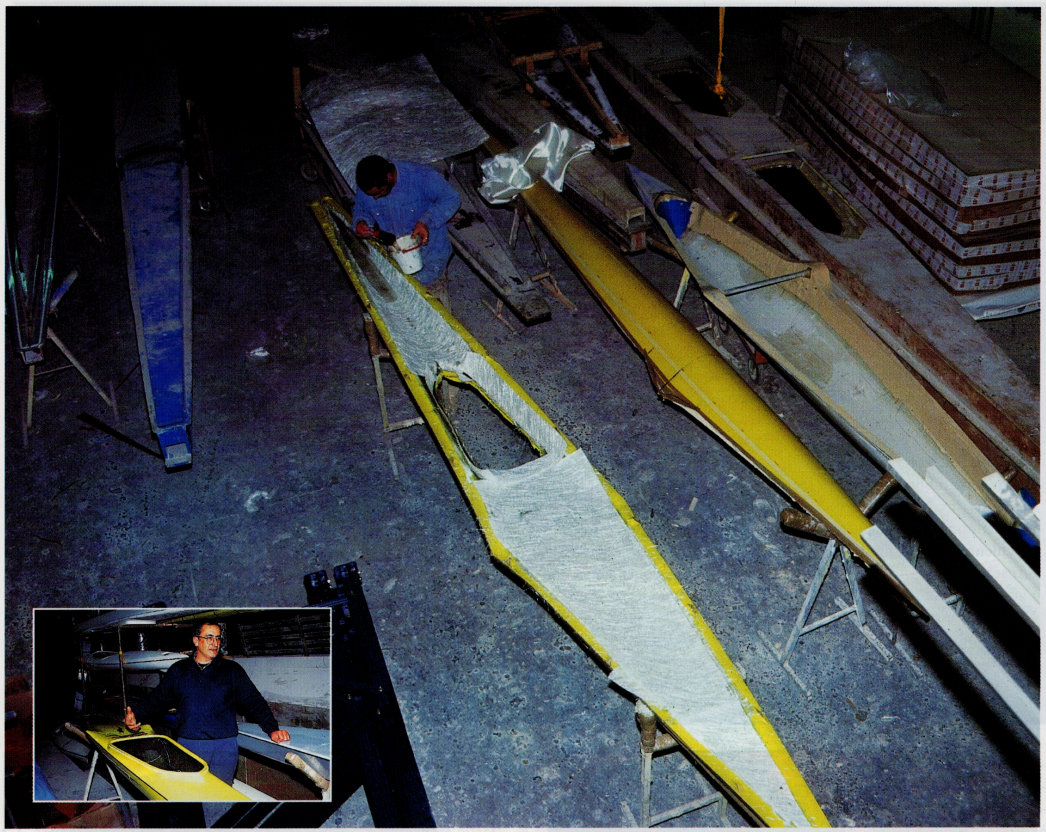
***Cinta telescópica** - Cinta em fita tubular de 1,5m a 2m com um elástico por dentro para lhe reduzir o tamanho, fixada à argola de reboque na parte posterior do arnês e que possui na outra extremidade um mosquetão na ponta para permitir ser ligado a uma corda de resgate ou qualquer outra coisa.

***Saco de arremesso** - Saco em tela resistente, com flutuação, que alberga 15, 20m ou mais de corda de 8 a 10mm de espessura.

Voltaremos a falar nestes equipamentos de segurança.







MAR KAYAKS / NELO

Rumo ao Futuro

A comercialização / importação e fabrico de embarcações ligadas á prática da canoagem estão a sofrer alterações profundas a diversos níveis. O crescente interesse, por parte dos praticantes, pelas embarcações construídas em plástico (área do turismo), levou a que grande parte dos fabricantes mundiais deixasse de construir em fibra. Em Portugal a situação está ligeiramente desfasada, no tempo, em relação aos outros países, com os nossos construtores a concentrarem a sua produção na fibra, recorrendo à importação para satisfazer clientes que procuram embarcações em plástico. Com a evolução que o mercado está a ter, corremos o risco de, a médio prazo, os nossos construtores se transformarem em comerciantes de produtos importados. Esta situação, a meu ver, poderá ser interessante do ponto de vista estritamente financeiro mas, algo frustrante para a criatividade dos construtores. Qual é a solução?

A solução para este problema ou, digamos evolução e, tendo em conta que pretendemos continuar a ser construtores, passa pelo investimento tecnológico, concepção de novos modelos e um alargar dos mercados para colocação dos produtos.

Estas soluções, já estão a ser aplicadas em Portugal através do maior construtor nacional, a empresa Mar Kayaks / Nelo.

O ano de 1996 foi o da confirmação, a nível internacional, com a obtenção de diversas medalhas e com a participação de barcos Nelo nos Jogos Olímpicos. Para Manuel Ramos (Nelo) a estratégia assentou numa premissa simples que é, fabricar com qualidade para desta forma conquistar os exigentes mercados da Europa e do Oriente. A via escolhida foi a da competição, um autêntico laboratório de novas tecnologias e matérias primas. Conquistado este restrito mercado, que é o da competição, aplicou-se os conhecimentos adquiridos na área do turismo, com todas as vantagens daí decorrentes.

Efectuados estes investimentos, o mercado nacional não era suficientemente grande para poder absorver toda uma produção, nem o suficientemente forte economicamente para pagar as embarcações fabricadas com matérias primas sofisticadas. Havia que procurar novos mercados com poder económico, situação esta já prevista aquando do planeamento dos investimentos. A competição ajudou a entrar em novos mercados, as boas classificações das tripulações internacionais e a palavra dos atletas, são os melhores cartões de visita que um construtor pode ter. Actualmente, cerca de 80 a 85% da produção é para a exportação e para os países do ex-leste europeu, Austrália, Espanha, Suécia, Noruega, Japão, Coreia e Inglaterra.

Estes contactos internacionais deram uma nova dimensão de negócio a este homem de Vila do Conde que, aliados à sua vontade de evoluir e de se afirmar como construtor, criaram novos desafios a si próprio.

1997 irá ser o ano de todos os desafios com a reconversão da fábrica para a construção de embarcações numa matéria prima inovadora (termo-plástico e fibra) e, a concepção de barcos totalmente realizada por portugueses ou não.

Os contacto internacionais, quer ao nível de provas, quer com visitas a feiras de matérias primas, despertaram-no para as grandes tendências da evolução da canoagem ao nível da construção. Esta nova matéria prima, resulta de uma pesquisa efectuada por uma empresa química francesa, e tem como particularidade, misturar controladamente o plástico com outras fibras. Hoje em dia, os barcos em plástico são pesados e limitados no seu comprimento o que, para muito gente é um handicap. Com este novo material vai ser possível fabricarem-se barcos (monolíticos ou com colagem de deck e casco), com a leveza e comprimento dos de fibra, mas com a vantagem de serem em plástico e reforçados com carbono, kevlar e/ou fibra, nos locais que se acharem necessários. Para além desta versatilidade de aplicação, esta matéria prima pode ser reutilizada e é não poluente dado que, não se aplicam solventes ou produtos tóxicos. Os investimentos financeiros estão a ser elevados e, na altura em que visitámos a fábrica estavam a ser instaladas as estufas para se dar início à produção de embarcações. Esta nova concepção de fabrico está ser desenvolvida, também, em França por outro fabricante de embarcações mas, a Mar Kayaks tem já uma carteira de encomendas para o estrangeiro.

O outro desafio, tem a ver com a concepção de um barco idealizado por portugueses, nesta primeira fase. Paulo Viana é o autor do projecto deste novo K1 de competição, que pudémos ver numa fase de acabamento. Este era o salto qualitativo que faltava a este construtor que ao longo da sua carreira se tinha limitado a copiar e a introduzir pequenas alterações aos modelos concebidos por estrangeiros.

Paralelamente ao negócio da canoagem, a Mar Kayaks, desenvolve todo um trabalho na área da construção de barcos para remo. Os bons resultados e a qualidade da construção contribuíram também para a necessidade de ampliação das instalações, estando prevista , num futuro breve, a edificação de uma nova fábrica. Os dados estão lançados e em breve teremos oportunidade de apresentar as novas embarcações construídas com esta matéria "revolucionária".





(Em cima), fase de acabamento da construção do primeiro kayak K1 desenhado pelo português Paulo Viana. (Ao lado), aspecto da fusão da fibra com o plástico

Texto e Fotografia:
Vasco de Melo Gonçalves

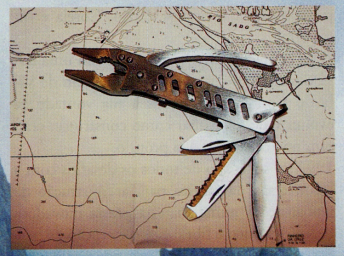
Boutique



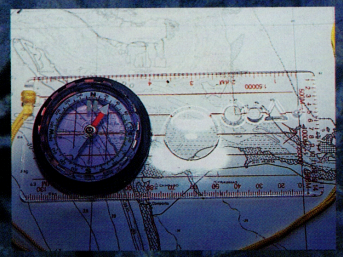
Frontal
Fabricado em plástico resistente e para situações que é necessário ter as mãos livres.
Preço:
3 200$00+200$00 para gastos de envio



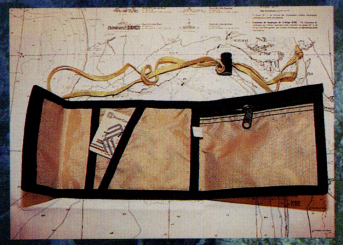
Talher de Campo
Conjunto de colher, garfo e navalha Gran Capitán em aço inoxidável. Apresentado em bolsa de nylon com passadeira para o cinto.
Preço:
5 800$00+200$00 para gastos de envio



Alicate Multiusos
Alicate em aço com 14 funções e apresentado com bolsa em nylon.
Preço:
6 000$00+200$00 para gastos de envio



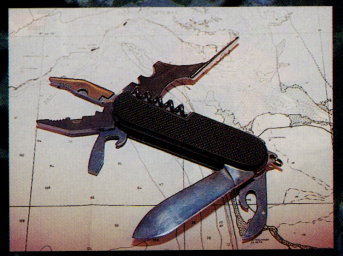
Bússola de Mapa
Preço:
2 500$00+200$00 para gastos de envio



Carteira de Pescoço
Segura e cómoda para levar dinheiro e documentos.
Preço:
2 000$00+200$00 para gastos de envio



Bússola Ranger
Caixa em alumínio.
Preço:
4 500$00+200$00 para gastos de envio



Canivetes Aitor
Canivete multiusos com funções de alicate, navalha, furador, chave de fendas... em aço inoxidável.
Preço:
7 200$00+200$00 para gastos de envio



Talher Alemão
Conjunto de colher, garfo, faca e bolsa com abrelatas em aço inoxidável.
Preço:
1 200$00+200$00 para gastos de envio



Luvas
Luvas multi funções, tamanho único
Preço:
1 500$00+200$00 para gastos de envio







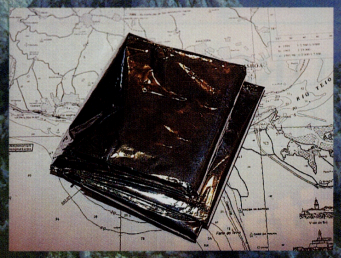
T-Shirts
T-shirts em 100% algodão nos tamanhos: XS, S, M, L , XL.
Preço Unitário: 4 000$00+200$00 para gastos de envio



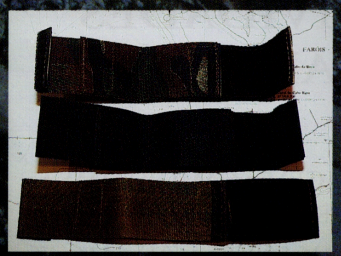
Lanterna
Fabricadas em plástico resistente com pinça para usar sem mãos. Luz continua ou de sinais (tem três filtros).
Preços:
Modelo grande (verde ou preta) - 2 100$00;
Modelo médio (verde ou preta) - 1 900$00;
Modelo pequeno (verde ou preta) - 1 700$00;
(+200$00, valor unitário, para gastos de envio)



Cantil PVC
Cantil de plástico de alta resistência e com a capacidade para 1 litro. Equipado com forro isolante de poliamida.
Preço:
1 500$00+200$00 para gastos de envio



Manta de Alumínio
Evita a perca de calor humano na ordem dos 70%.
Preço:
1 200$00+200$00 para gastos de envio



Pulseira porta-relógio
Cores camu, preto e verde.
Preço:
1 200$00+200$00 para gastos de envio

Cupão de Encomenda

Não se fazem envios à cobrança

Nome do artigo	Quantidade	P. Unitário	Valor
		Soma da sua Encomenda	
		Gastos de Envio	
		TOTAL	

Nome:
Morada:
C. Postal: Localidade:
Telefone: Forma de Pagamento:

Recorte ou fotocopie e envie para:
Lobo do Mar Sociedade Editorial, Lda.
Alameda do Alto da Barra, 24 R/C • 2780 OEIRAS • Tel. (01) 441 4112

Passeio de Canoagem

Abrantes • Constância
Castelo de Almourol

02 de Fevereiro de 1997

Organização
Revista

PAGAIA
M A G A Z I N E

CUPÃO PASSEIO DE CANOAGEM

Nome:_____
Telefone:_____
Morada:_____

O valor da inscrição é de 3000$00 (três mil escudos)
(inclui almoço e seguro)
e deverá ser enviado juntamente com o cupão para a morada:

LOBO DO MAR Sociedade Editorial, Lda.
Alameda do Alto da Barra, 24 R/C • 2780 OEIRAS
Informações: (01) 441 41 12
Data limite de inscrição: 27 de Janeiro

Pode fotocopiar este cupão

Passeio de Canoagem

Alcochete
Reserva do Tejo

22 de Fevereiro de 1997

Organização
Revista

PAGAIA
M A G A Z I N E

CUPÃO PASSEIO DE CANOAGEM

Nome:_____
Telefone:_____
Morada:_____

O valor da inscrição é de 3000$00 (três mil escudos)
(inclui lanche-de-mar e seguro)
e deverá ser enviado juntamente com o cupão para a morada:

LOBO DO MAR Sociedade Editorial, Lda.
Alameda do Alto da Barra, 24 R/C • 2780 OEIRAS
Informações: (01) 441 41 12
Data limite de inscrição: 10 de Fevereiro

Pode fotocopiar este cupão

VENDO

Kayak de Mar Berlengas

Em bom estado
e com pagaias e saiotes

Preço: 115 000$00

Contacto: 0936 396659

CURSOS DE ESCALADA

Por João Garcia

Vários níveis de aprendizagem

Informações: (01) 467 09 99



maxon
Rádio Comunicações Profissionais

- Comunicações Terrestres
- Trunking
- Transmissão de Dados
- Busca de Pessoas
- Dupla Canalização

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
NAUCOM
Telecomunicações, Lda.

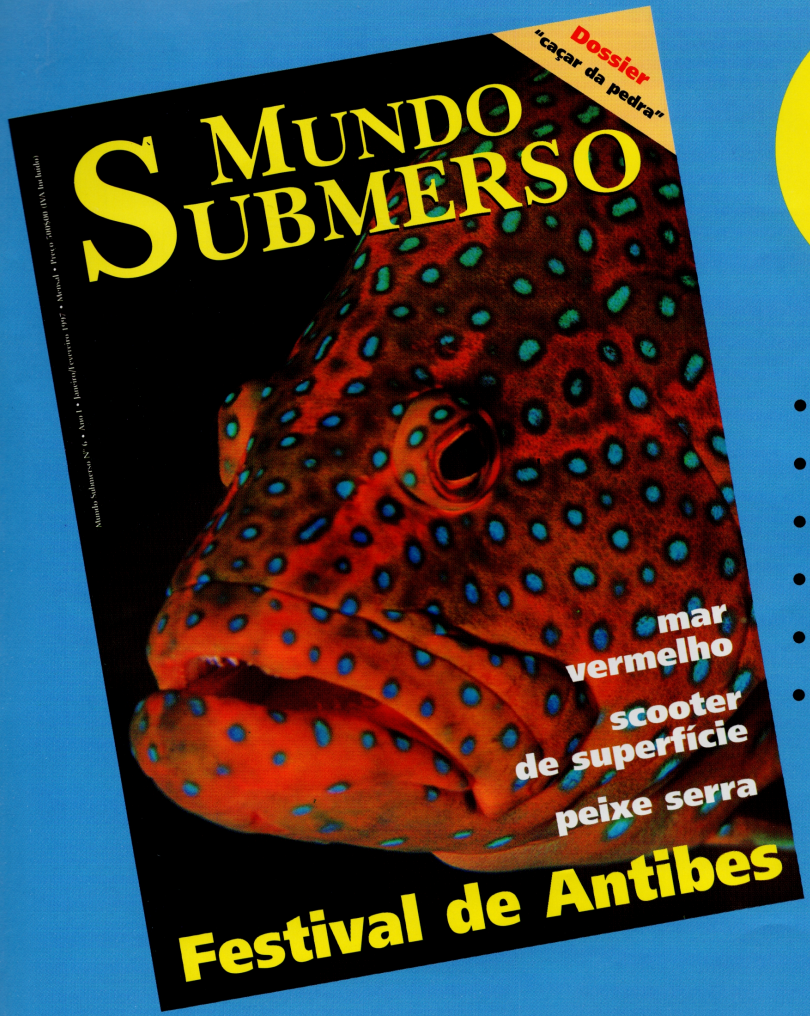
Edifício Liscont, 1º
Caís de Alcântara
1350 LISBOA
Tel.: (01) 397 37 58
Fax: (01) 397 37 32

ACTIVIDADES DE AR LIVRE

Nómadas

BTT • CANOAGEM • CAMINHADAS • RAPEL • SLIDE

Informações: 0936 738681 • (01) 432 64 75
(01) 988 79 23 (20H)



Já à venda o número de Janeiro

- Mergulho
- Caça submarina
- Fotografia
- Video
- Arqueologia
- Viagens

Mundo Submerso

a primeira revista portuguesa de Actividades Subaquáticas

Assinatura Anual (6 Números) - 5.000$00

Nome_____
Morada_____
Localidade_____ C. Postal _____ Telefone _____
Cheque Nº _____ Vale Correio Nº _____

Envie para: LOBO DO MAR Sociedade Editorial, Lda.
Alameda do Alto da Barra, 24 R/C • 2780 OEIRAS

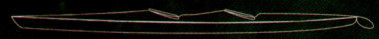
NELO

INUK

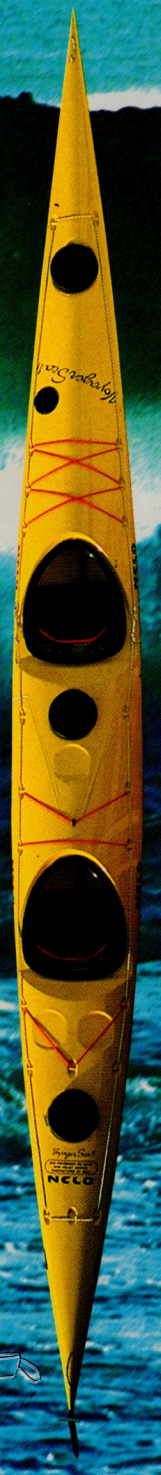
Carga Máxima: 125 Kg
Comprimento: 550 cm
Boca: 50 cm



VOYAGER SEA II



Carga Máxima: 300 Kg
Comprimento: 670cm
Boca: 63 cm



ZEPPELIN



Carga Máxima: 200 Kg
Comprimento: 520 cm
Boca: 75 cm





BERLENGAS



Carga Máxima: 280 Kg
Comprimento: 545 cm
Boca: 70 cm





AZORES



Carga Máxima: 135 Kg
Comprimento: 490 cm
Boca: 58 cm

AMASSALIK



Carga Máxima: 135 Kg
Comprimento: 500 cm
Boca: 58 cm

M.A.R. KAYAKS, LDA. – Travessa da Arribela, Pavilhão 5 · Mosteiró · 4480 VILA DO CONDE · PORTUGAL • Tels.: (02) 928 09 24 / 927 26 08 · Fax: (02) 927 27 09